

JOSÉ MARIA ALVES

TEXTOS DO AGORA IV
(PENSAMENTOS)

WWW.HOMEOESP.ORG

Tenho uma tendência irresistível, que provavelmente pecará no excesso, sendo assim um defeito: a de buscar concentrar em poucas frases o que os verborreicos não exprimem em centenas de páginas.

FEVEREIRO DE 2008

O homem perfeito usa a sua mente como um espelho.
Ela nada aprisiona e nada recusa.
Recebe mas não conserva.

Soshi

O que vale a minha vida? No fim (não sei que fim)
Um diz: ganhei trezentos contos,
Outro diz: tive três mil dias de glória,
Outro diz: estive bem com a minha consciência e isso é bastante...
E eu, se lá aparecerem e perguntarem o que fiz,
Direi: olhei para as coisas e mais nada.
E por isso trago aqui o Universo dentro da algibeira.
E se Deus me perguntar: e o que viste tu nas coisas?
Respondo: apenas as coisas... Tu não puseste lá mais nada.
E Deus que é da mesma opinião, fará de mim uma nova espécie de santo.

Caeiro

Alguns dos textos pertencem ao livro “O Eterno Agora e a Revelação da Consciência”

&&&

Desde tempos imemoriais que o homem se tem questionado, entre outros, quanto à origem do universo, à sua própria origem, à existência da alma e da sua sobrevivência à morte corporal, à existência de Deus e dos seus atributos.

Mitologia, filosofia, teologia e ciência, têm buscado respostas para questões aparentemente insolúveis.

Bertrand Russel, entendeu a filosofia como algo que se situa entre a teologia, que tem por objecto uma problemática inatingível pelo conhecimento experimental, estribando-se na tradição e na revelação, e a ciência, que domina o conhecimento definido. Será assim, uma “terra sem dono” isenta da impertinência e arrogância da teologia e das “certezas” incertas da ciência.

Nesta perspectiva, a filosofia não deve nunca ater-se à autoridade, quer da revelação quer da tradição. Não é teologia, não é ciência, não afirma dogmaticamente o conhecimento onde apenas vigora a ignorância, nem se assume como conhecimento estabelecido ou definido pela experimentação. É indubitavelmente o meio termo destas duas realidades.

A teologia responde com uma enorme ligeireza a todas ou praticamente todas as questões que inquietam o limitado cérebro humano, deixando-nos numa maior incerteza e inquietude do que a que possuíamos antes de nos debruçarmos sobre a temática que aborda. As escrituras sendo produto do pensamento humano, são tão sagradas, como qualquer outro livro existente nos escaparates das livrarias, ou como quaisquer obras humanas. Assim, as suas “certezas”, quando analisadas por cérebros lúcidos, apenas geram mais incertezas e extrema desilusão. O medo fez com que criássemos deuses, que justificámos com revelações, e o pensamento instituiu as crenças na reencarnação e na ressurreição, qual delas a mais ilógica e desesperada.

A ciência com as suas exigências de experimentação não responde às perguntas elaboradas desde que o homem ganhou consciência de si nos tempos concernentes à evolução da espécie.

A filosofia se o faz, debate-se com um problema irresolúvel e inelutável: a limitação da razão; o cérebro e o seu produto, o pensamento, encontram-se limitados pelo espaço-tempo, e este não pode entender o que é integral, o Absoluto, ou tudo o que esteja para além do palpável, visível ou demonstrável.

Comportamo-nos como senhores do Cosmos, quando nalguns milhares de anos de “civilização” não desvendámos a maioria dos mistérios mais apetecidos.

Estamos, quer queiramos quer não, reduzidos ao que efectivamente somos: seres congestionados de conhecimentos falíveis e isentos de sabedoria. Provavelmente, Montaigne, aproxima-se com acurada consciência das inatas limitações do ser humano:

O que é que se pode imaginar de mais ridículo, que esta criatura mesquinha e miserável, que não é sequer dona de si mesma e está exposta às ofensas provenientes de todas as coisas, que se afirma dona e senhora do universo, quando nem sequer tem a faculdade de conhecer a mínima parte deste, quanto mais de o dirigir?!

As questões que infra enunciámos são a comprovação da ineficácia do pensamento, e não são de modo algum exaustivas. Experimentai responder-lhes sem que vos estribeis em um qualquer dogmatismo.

O que havia antes do big bang?

Porque existe alguma coisa em vez de nada?

O universo foi criado ou foi produto de mera casualidade?

O cosmos – *entendido aqui como o espaço que poderá abarcar inúmeros “universos”, já que no infinito há sempre lugar...* – existiu sempre ou foi criado?

Já antes do nascimento do universo, haveria um projecto específico dependente de um ser superior, tendo por objecto a criação das estrelas, planetas, vida em geral e, do próprio homem?

Como se formou o mundo?

O universo é finito ou infinito?

O universo seria no princípio já infinito?

Tem o universo unidade ou fim?

Evolve para algum objectivo?

O mundo acessível aos nossos telescópios será uma ínfima fracção do universo inteiro?

A eventual incomunicabilidade entre os mundos habitados é meramente casual ou fruto de desígnio de um Criador inteligente?

O universo encontra-se em expansão contínua, diluindo-se até ao inexorável desaparecimento da vida?

Ou contrair-se-á retomando a sopa original de partículas geradora de nova organização de matéria e de novos mundos?

Seremos tão somente filhos das estrelas e irmãos dos planetas?

A vida que terá surgido na terra há cerca de quatro mil milhões de anos é um fenómeno casual ou inevitável?

Se surgiu por acaso, será Deus o próprio acaso?

Ou é um facto sem explicação?

Como surgiu a vida na terra?

Terá a vida sido trazida para a terra, por um objecto vindo do espaço, tal como um meteorito – *teoria da panspermia* –?

O homem é um acidente na longa evolução da vida?

Se a nossa espécie dura há aproximadamente dois milhões de anos, como será dentro de 2, 10, 100 ou mil milhões de anos?

Desaparecerá o homem dando lugar a novas espécies?

Não cabia nos desígnios do universo o objectivo de ganhar consciência de si próprio através do cérebro humano?

Há outros mundos habitados com formas de vida diversas das da terra? –*vista a possibilidade de existirem só na nossa galáxia milhões de planetas que à semelhança daquela podem propiciar o desenvolvimento da vida.*

Existe de facto a sabedoria ou não passa de requinte derradeiro de loucura?

Se não existisse consciência humana como seriam as coisas e os animais?

Há realmente leis da natureza ou cremos nelas devido ao nosso inato amor da ordem?

As mudanças devem-se ao acaso ou são fruto da existência de leis naturais?

Haverá uma vontade ou um sentido por detrás daquilo que acontece?

É o homem o que parece ao astrónomo, um pequeno conjunto de carvão impuro e água, a arrastar-se impotente sobre um pequeno planeta sem importância? Ou é o que pensava Hamlet? Será as duas coisas?

A vida eterna significa existência em cada momento do tempo futuro?

Ou é um modo de ser independente do tempo em que não há antes nem depois, e portanto não há possibilidade lógica de mudança?

Na imensa duração dos tempos humanos – *imensa na nossa perspectiva e não na cosmológica* –, até Buda, Cristo ou Maomé, como encarar a salvação?

Há um tipo nobre e um tipo baixo de vida, ou são todos meramente fúteis? Se um deles é nobre, em que consiste e como realizá-lo?

Deve o bem ser eterno para poder ser apreciado, ou merece procurar-se ainda quando o universo caminhe inexoravelmente para a morte?

Como devemos viver?

Quem sou eu?

Donde venho?

Para onde vou?

Mesmo que saibamos donde viemos pode tal facto ensinar-nos para onde vamos?

O homem é composto de três princípios?

O físico de origem terrestre (corpo)?

O astral, de origem astral (corpo subtil)?

E o espiritual, de origem divina (o espírito)?

Tu és o teu corpo?
Ou és uma combinação de carne e espírito?
Ou és alma pura?

Este corpo, tal como um pote de argila, não será um objecto?

A mente, que tem princípio e fim, que está sujeita às modificações, que é caracterizada pelo prazer e dor, não será um objecto?

Haverá “vida” depois da morte?

O que é o espírito e o que é a matéria?

Estará o mundo dividido entre espírito e matéria?

O homem possui uma alma imortal?
Essa alma existe desde sempre?
Ou foi criada?
Se o foi, qual o momento atinente à sua criação?

As características da alma serão:
Existência, Inteligência e Felicidade Absolutas?

A minha alma e o universo, serão outra coisa que não Deus?

Está a alma sujeita à matéria, ou tem energias independentes?

Pesquisar a alma é pesquisar Deus?
E pesquisar Deus é pesquisar a alma?

O prazer e a dor são a essência do ego?
A Felicidade é a essência da alma?

Deus existe?

Deus é:
Existência, Inteligência e Felicidade puras.
Felicidade suprema, não criada, eterna e indivisível. Ele é a única realidade. Só ele existe. O resto é ilusão. É a ignorância que nos faz ver a diversidade.
O abstracto de todos os fenómenos. O que assume formas inumeráveis.

O Um sem segundo.

O incondicionado, a Paz silenciosa, o ilimitado, que não tem princípio nem fim. Infinito, eterno, omnipresente.

A testemunha.

Inexprimível, imutável, sem nome, sem forma, que transcende o espaço, o tempo e os objectos dos sentidos, que não é composto de partes, indestrutível, que não está sujeito ao nascimento, crescimento, morte, ao sofrimento e à doença.

O que não cessa de existir. Que é sempre livre.?

Deus é inteligência pura. Inteligência pura. O que é que isto quer dizer?

Deus é um ser de paz e de pureza.

Tu és esse Deus?

Todo este universo procede de Deus – *a única Realidade* -?

O universo é Deus ele mesmo e Deus sem mais?

O que é o Reino dos Céus?

O que é o Nirvana?

É um estado sem pensamentos?

É o apaziguamento e o conhecimento perfeito de si próprio?

Se o desejo é a raiz de todos os males, desejar atingir o Nirvana, a Iluminação, não é por si mesmo um mal, enquanto desejo?

Não é Deus que nos julga?

Somos nós que nos julgamos a nós próprios?

O Céu – *paraíso* – não será um lugar, mas uma presença: a de Deus que ama?

O que é o Inferno?

Depois da morte corporal, subsistirá um magma psíquico individual?

Há reencarnação?

Reencarnamos em função das nossas existências anteriores?

O que é que volta a encarnar?

Podemos reencarnar num animal ou planta ou só em corpos humanos?

Há ressurreição? – *que é o retorno à vida, uma vida nova e eterna depois da morte corporal, num corpo imaterial, “glorioso”.*

Qual vai ser a evolução material e espiritual do homem?

Tudo acaba?

Ou só a matéria se decompõe enquanto o espírito perdura?

Concorda que existem três estados na vida do homem – *o estado de vigília, de sonho e de sono profundo -?*

A existir, não será a alma a testemunha destes três estados?

No estado de vigília, tomamos conhecimento do que nos rodeia, por intermédio de quê?

E no estado de sonho o que é que acontece? Quem ou o que é que cria os sonhos?

No estado de sonho, é a própria mente que cria os diversos elementares que compõem um universo inteiro. Haverá alguma diferença entre este estado e o estado de vigília?

No sono profundo há actividade mental?

O “eu” desaparece?

Se desaparece o que é que fica?

Podemos chamar-lhe *consciência pura*?

Se o universo fosse real ele não deveria ser percebido no estado de sono profundo?

Como é que podemos viver plenamente?

Apreciando a vida de cada dia?

Aceitando a nossa condição?

Como meras testemunhas da existência?

O nosso “eu” real, não será o que assiste como espectador ao jogo do ego, da mente, etc., existindo mesmo no estado de sono profundo?

O mundo é o que vemos?

São todos os nomes e formas?

Ou é $x + o$ mental, na fórmula expressa por Vivekananda?

Uma produção em overdose de neuromediadores no momento da morte, poderá dar origem a uma euforia paradisíaca natural?
Ou será a falta de oxigénio ou o excesso de dióxido de carbono?
Estariam assim explicadas as sensações de indivíduos que narraram as suas experiências no limiar da morte?

Com a morte de um ser vivo, as suas células desfazem-se e reorganizam-se noutras combinações físico-químicas ou orgânicas.
Por isso, não há, verdadeiramente morte?

Se vens de Deus, retornas a Deus.
Como é que isto se passa?
A realidade é um todo inseparável em constante movimento?

Todo o universo é um mesmo ser, uma substância única à base de energia, um organismo vivo?
A matéria está dotada de pensamento, de consciência?

A física moderna demonstrou que quando a matéria é investigada, se revela como sendo um oceano de energia e luz. A matéria é luz condensada ou congelada. Toda ela é uma condensação de luz em padrões deslocando-se para trás e para a frente a velocidades médias inferiores à da luz.

É provável que toda a vida seja única em sua essência; que os homens e todos os seres vivos sejam apenas participantes de um esquema de acção cósmica imensamente mais amplo do que aquele que conhecemos; que nós sejamos, de facto, apenas partículas de um todo infinito, de um imenso sistema universal que engloba milhões de mundos, todos repletos de formas vivas, o todo que evolui rapidamente em direcção a objectivos exactamente tão desconhecidos para nós como o são as mais inferiores formas de vida?

Num texto, escrito há mais de dez anos – *e que mantemos praticamente inalterado, sem corrigirmos os novos dados que a ciência desvendou, nomeadamente a idade do universo* – apercebemo-nos da confusão que o pensamento tem gerado quanto às questões que mais assolam o espírito humano e da sua incapacidade para lhes responder, gerando inevitável

angústia existencial. Nessa perspectiva, justifica-se no nosso entender a sua inclusão nos presentes *Textos*.

Hesíodo – *autor de uma “Teogonia”, o mais antigo documento conhecido da cosmologia mítica grega* – afirmou que “primeiro que tudo foi o caos”.

Para Ferecides de Siro (nascido cerca de 600 a.C.), sempre existiram Zeus – *o Céu* –, Ctonos – *a Terra* – e Cronos – *o Tempo* –. Zeus, transfigurado em Eros, cria o mundo.

Tales, homem de ciência, nascido por volta de 624 a.C., afirma que a substância originária ou primordial é a água.

Anaximandro (610 a.C. - a partir daqui, sempre que nada se diga, entende-se que a data se reporta ao nascimento) definiu como princípio o infinito, conjunto incomensurável e indistinto de matéria, de natureza divina, origem e retorno de todos os entes e objectos. Esta substância primeira ganharia configurações específicas pelo processo da partição, gerando-se assim inúmeros mundos finitos, em ininterrupta evolução e em encadeação eterna, mundos estes, infinitos no espaço. A Terra é um cilindro imóvel, que se encontra no meio do mundo. Anaximandro, tal como os outros filósofos gregos era extraordinariamente audaz nas suas reflexões.

Anaxímenes (546 a.C.) considera ser o ar, com a sua infinitude e movimento ininterrupto, o princípio de tudo, que circunda a Terra – *em forma de disco* –, fonte geradora do mundo nas suas destruições e regenerações periódicas.

Heraclito reconhece no fogo a substância originária, princípio activo e inteligente, mais do que corpóreo. Este mundo, continuamente em mutação, que não foi gerado por deuses, acende-se e extingue-se com ordem regular. Esta mudança é por si expressa de forma magistral: “Não é possível descer duas vezes no mesmo rio nem tocar duas vezes numa substância mortal no mesmo estado; pela velocidade do movimento tudo se dissipa e se recompõe de novo, tudo vai e vem”.

Pitágoras (nascido por volta de 571 a.C.) e os pitagóricos consideraram a existência de um fogo central, que intitularam “Mãe dos Deuses”, origem de todos os corpos celestes do mundo, que é uma esfera. O céu das estrelas fixas a esferas transparentes, que se move de Ocidente para Oriente é o que se encontra mais longe do fogo central, e cada vez mais próximo deste, os planetas visíveis a olho nu – *Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno* –, o Sol – *receptor e reflector da luz emitida pela “Mãe dos Deuses”* –, a Lua, a Terra e a Antiterra – *planeta inexistente*,

mas ficcionado para completar o número dez, sagrado para os pitagóricos
–.

Para Xenófanés, o universo é unitário e imutável e todas as coisas têm a sua origem na terra e a esta voltam.

Em Parmênides, a perpetuidade é a negação do tempo, mas o “ser” é finito. Contrariamente à tese de Heraclito, diz-nos que “o ser é e não pode não ser”.

Empédocles (492 a.C.) distingue quatro elementos : fogo, água, terra e ar. Na sua perspectiva existe um ciclo cósmico de união e desintegração.

Em Anaxágoras (499 a.C.) surge-nos um Deus inteligente que não é o mundo, mas é a sua razão evidente.

Para os atomistas, Leucipo e Demócrito – *chegou a duvidar-se da existência do primeiro* –, os átomos, indecomponíveis, eternos, em constante movimentação, dão origem ao nascer das coisas pela união e ao perecer, pela desagregação.

Platão afirma que a causa do mundo é um Deus que quer tão-somente difundir o bem. O mundo tem de ter sido criado por algo sagrado e não como consequência de causas físicas, que não podem nunca ser consideradas como o primeiro movimento.

Heraclides do Ponto, discípulo de Platão, modificou a doutrina atomista dizendo que Deus edificou o mundo com corpúsculos não coligados. Admitiu o movimento de rotação da Terra e preconizou o movimento de translação de Mercúrio e Vénus à volta do Sol.

Filipe de Opunte, também discípulo de Platão, admite que os corpos celestes são entidades vivas, com alma, conclusão que retira da perfeição do seu movimento.

Aristóteles (384 a.C.). Deus é o motor, o princípio que explica o movimento do primeiro céu. As coisas terrestres ou sublunares são compostas por terra, água, ar e fogo. Imediatamente a seguir ao fogo está a primeira esfera celeste, a da Lua – *a partir daqui todos os corpos celestes são compostos por éter, que se move exclusivamente de forma circular* –. A partir da Lua, como os corpos celestes são constituídos pelo éter – *substância que se assemelha à de Deus* –, temos um mundo único, finito, perfeito e eterno, que só tem por limite a esfera das estrelas fixas – *antes desta, estão as de Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno* –. A partir da esfera das estrelas fixas, que demora um dia a circundar o nosso planeta, não há mais espaço. Esta teoria, persistiu até ao século XV, só tendo sido abandonada a muito custo, essencialmente por obra de Nicolau de Cusa.

Aristarco de Samos (310 a.C.). Tudo leva a crer que foi o primeiro pensador a considerar a existência simultânea do movimento de rotação e de translação da Terra, este último à volta do Sol. Heraclides do Ponto já

havia admitido o movimento de rotação da Terra e o de translação, mas neste caso, de Mercúrio e de Vénus à volta do Sol.

Para os Estóicos (O fundador da escola foi Zenão de Citium – 336 a.C.), Deus é a causa de tudo. O mundo gerou-se pela diferenciação da matéria originária, tem a forma de esfera, sendo finito, com um ciclo de repetição perfeito, onde perante a sua destruição integral, voltam a ocorrer todos os acontecimentos, com os mesmos objectos e seres que tinham ocorrido no tempo do mundo “passado”.

Epicurismo (o fundador da escola foi Epicuro - 341 a.C.). Os epicuristas rejeitam a divindade do mundo. Os mundos formam-se devido ao movimento dos átomos – *Epicuro apropriou-se da doutrina dos atomistas* – e não são eternos, estão sujeitos ao nascimento e à extinção.

Fílon de Alexandria (30 a.C.). Deus começou por criar a matéria indeterminada, caótica, para depois criar o Logos – *mediador na criação do mundo* – à sua semelhança, e com a sua cooperação criou o mundo, transmutando a matéria caótica em ordem.

Cláudio Ptolomeu (séc. II d.C.), foi um astrónomo egípcio que nos legou uma obra monumental nos domínios da astronomia, geografia, navegação e matemática. No que toca à astronomia, escreveu em treze volumes o “Almagesto”. Segundo ele, a Terra está imóvel no centro do mundo, girando à sua volta a Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, vem a esfera das estrelas fixas. Observando o céu, notou a variação de brilho dos planetas, e tendo chegado à conclusão que tal facto derivava da variação da sua distância ao nosso planeta, postulou que se moviam sobre uma circunferência menor – *denominada epiciclo* – cujo centro se movia numa circunferência maior – *o deferente* –. Este sistema, legitimador da doutrina aristotélica, vigorou por mais de mil anos.

Plotino, neoplatónico (cerca de 203 d.C.), considera que Deus permanece imóvel no centro da criação, sem qualquer acto voluntário ou intenção causal.

O Cristianismo motivou no mundo ocidental uma nova forma de encarar o mundo, a filosofia cristã, que já não é pesquisa e liberdade, mas revelação, donde deriva na melhor das hipóteses, uma investigação dirigida à sua compreensão, que se encontra em regra, limitada pelas interpretações da Igreja, nos dogmas estabelecidos conciliarmente – *Os Protestantes rejeitaram a Igreja como autoridade idónea ao estabelecimento dos princípios fundamentais e limites da revelação. Nesta perspectiva, cada homem, por si, pode interpretar os textos sagrados, por via da sua própria ponderação* –.

O primeiro período é o dos Padres da Igreja – *que contribuíram apesar de muitas vezes contraditoriamente, atenta a influência da última filosofia do período helenístico e doutrinas pagãs, para a existência de uma filosofia cristã* –, denominado Patrística e que terminou no século VIII.

Justino (110 d.C.). Foi por intermédio do Logos – *que está hierarquicamente abaixo de Deus, mas é coexistente com ele e por isso gerado antes da criação* – que Deus criou o mundo.

Teófilo de Antioquia. Deus é o criador supremo. Foi tudo gerado do nada, por intermédio do Logos, com o objectivo da sua potestade ser reconhecida. Conseguimos reconhecê-lo na sua criação.

Irineu (cerca de 140), foi um dos filósofos que combateram a gnose – *um dos maiores perigos contra a unidade espiritual do cristianismo, por considerar que o conhecimento é a única condição de salvação do homem* –. Na perspectiva de Irineu, os gnósticos erraram notoriamente quando imputaram a criação do mundo a uma entidade subalternizada comparativamente a Deus, depreciando o seu poder, o que é de todo inconcebível. Deus não teve, nem tem carência de mediadores, para fazer seja o que for. Se assim fosse, estaríamos perante uma ineptidão que é contrária à sua essência.

Arnóbio teve uma concepção tão derrotista do ser humano que foi comparado a Pascal. Sendo Deus o autor da perfeição e da ordem do mundo, não poderia ter criado uma criatura vil, violenta, infeliz e miserável, mas antes, tal acto foi executado por uma outra divindade hierarquicamente inferior e com muito menos autoridade e majestade.

Lúcio Lactâncio foi discípulo de Arnóbio. Apesar do Filho ter sido gerado, constitui com o Pai uma única substância e agiu como aconselhador deste no intrincado desígnio da criação do mundo, sem que para tal tivesse necessidade de utilizar uma matéria preexistente, antes, criando-a.

Orígenes (cerca de 185). É nele que encontramos o primeiro sistema exaustivamente elaborado de filosofia cristã. Admite uma pluralidade de mundos, que são sucessivos e que em determinado momento se extinguem na sua corporalidade, passando à invisibilidade.

Basílio o Grande (cerca de 311), considera que Deus, o criador, não pôs toda a sua competência na obra da criação, tal como um pintor pode não aplicar todos os seus conhecimentos técnicos e aptidão estéticas na execução de um quadro. Daí, não ser possível mensurar a sua verdadeira potência.

Gregório de Nisa, irmão de Basílio o Grande, atribui a Deus a criação do mundo. Resolve a dificuldade de uma essência simplicíssima e imutável, gerar uma realidade composta, mutável e corpórea, pelos

atributos e natureza do corpo – v.g. *quantidade, qualidade, cor, que são em si mesmas incorpóreas* –.

Santo Agostinho (354). Deus é o ser eterno, fundamento de tudo, criador de um mundo – *através do Logos ou seu Filho* – em constante mutação. Mas o que é que fazia Deus antes de criar os céus e a Terra? – *questiona-se Agostinho* –. Deus para além de eterno criou o tempo. Na eternidade não existe passado ou futuro, mas apenas um eterno presente.

Zacarias (séc. VI) refuta as doutrinas que consideram o mundo eterno, já que este não é forçosamente necessário, apesar de ter sido criado por Deus, que tinha a sua ideia desde sempre, ideia que poderia ou não pôr em prática, em conformidade com a sua querença – *que neste caso o determinou pela afirmativa* –.

João Damasceno (séc. VIII) – *com quem termina a Patrística da Igreja Grega* – declara que a criação advindo do nada, é mutável, por mudável ser a mudança do que não existe para a existência, implicando infalivelmente um criador, que é eterno e ingerado, onnipotente e ordenador do mundo.

Findo o período relativo aos Padres da Igreja, inicia-se o da Escolástica – *filosofia cristã da Idade Média* –, vocacionada para a instrução do clero, que demanda especialmente conduzir o homem à percepção possível da verdade que foi revelada.

João Escoto Erígena (cerca de 800). Deus é o princípio de tudo, é tudo – “*é tudo no mundo, tudo em volta do mundo, tudo na criatura sensível, tudo na criatura inteligível; é tudo ao criar o universo, está em todo o universo, está nas suas várias partes, porque é o todo e a parte e não é nem o todo nem a parte*” (*panteísmo*) –, onde todos os entes e coisas se deslocam, revelando-se na criação, que é uma sua exteriorização. Mas, foi através do Verbo, que todas as coisas e seres foram gerados. O mundo foi criado, porque consta das Sagradas Escrituras e é imperecível, atenta a sua subsistência no Verbo e porque a razão o certifica. Conciliar criação e eternidade é algo que a nossa razão não pode alcançar, é um enigma divino.

Anselmo de Aosta (1033), na sua investigação, dá prioridade à fé sobre a racionalização: “... se antes não acreditar, não poderei compreender”. Mas, aquela tem de ser comprovada ou demonstrada, não basta crer pura e simplesmente. Todas as coisas procedem de Deus e a criação nasce do “nada”, porque se nascesse da matéria, esta derivaria de si própria – *o que é de todo ilógico* – ou da própria essência divina, que assim estaria votada à impermanência, o que não pode acontecer em circunstância alguma – *afirma-o peremptoriamente a razão lúcida* –. Anselmo perfilhou a exigência agostiniana “desejo conhecer Deus e a alma e nada mais”, mas faleceu quando tentava por todos os meios ao seu dispor aclarar a natureza desta.

Abelardo (1079). No seu entender, Deus apenas pôde criar o mundo da forma como o criou, ou seja, esse mundo necessariamente crido, não poderia ser mais perfeito do que aquilo que é.

Amalrico (séc. XII). Deus é a essência de tudo, identificando-se com o mundo na sua integralidade; criador e criatura identificam-se.

Hugo de S. Victor (1096). Tudo o que nasce e morre, não pode ser espontâneo, tem como causa necessária um criador, que tinha em si mesmo as formas da sua criação e a sua acção criadora, partindo de uma matéria informe, caótica, criação essa, que decorre não de uma acção necessária, mas de pura manifestação da sua benevolência. O mesmo ocorre com o espírito humano ao reconhecer que teve um princípio, não podendo ser ele a sua própria causa geradora. Acredita que Deus poderia ter gerado um mundo mais perfeito, à sua imagem, que é perfeição absoluta, só não podendo aquele, realizar o impossível, porquanto não poder o irrealizável, não é claramente um não poder.

S. Boaventura (1221), franciscano, admite que Deus na sua onnipotência é a causa primeira de todas as coisas e seres, do nada, e por tal motivo o mundo não é eterno – *não pode ser eterno o que antes não era e que passa a ser* –.

Alberto Magno (1193), defende que a criação do mundo do nada, que não é eterno, por ser precedido por Deus, é um acto livre.

S. Tomás de Aquino (1225). A criação provém do nada e é obra de Deus, sendo um dogma que não é passível de demonstração. Como todos os outros artigos de fé, não é explicável ou compreensível pela razão.

Rogério Bacon (séc. XIII). É o filósofo que melhor representou no seu século o experimentalismo – *todas as coisas, sejam naturais ou divinas, devem ser investigadas com base na experiência, que se subdivide em interna ou externa, respectivamente derivada da iluminação concedida por Deus e percebida através dos sentidos* –.

João Duns Escoto (1266) não tem certezas quanto ao início da criação. É um facto que a razão não alcança e como tal todo o juízo sobre o mesmo deve ser sustado.

Guilherme de Occam (cerca de 1290). É um dos últimos filósofos da Escolástica. Tal como Bacon, valoriza a experiência como fundamento do conhecimento. Pela primeira vez na história da filosofia ataca com firmeza o princípio aristotélico comumente aceite, de que os corpos celestes e os sublunares não tinham a mesma natureza. Considera que para além do nosso, podem existir inúmeros mundos, o que é atestado pela razão, já que Deus pode criar o que bem entender, no infinito e na eternidade – *no que toca a esta última, resolve a contradição resultante da criação, com o facto de ser indeterminável o princípio do universo no tempo* –.

João Buridan (séc. XIV). Julgou inúteis as múltiplas inteligências motoras que Aristóteles concebeu para explicar o movimento dos astros, já

que o seu primeiro movimento, originado por Deus, não é minimizado ou ferido, face à inexistência de forças contrárias ao mesmo.

Nicolau de Oresme (séc. XIV). É o grande precursor de Nicolau Copérnico. Argumentou um bom número de razões demonstrativas de que a Terra se move com movimento diurno e o céu não.

No século XIV, gerou-se um movimento de “renascimento” do espírito de liberdade, apanágio da época clássica, que se constituiu como o alicerce da investigação experimental, fundamentalmente com cientistas como Copérnico, Galileu e Kepler.

Em Montaigne (1533), encontramos por excelência, o regresso do homem a si próprio – *que é uma das facetas principais do movimento filosófico renascentista* –. Tem absoluta consciência das limitações humanas, quando diz: “O que é que se pode imaginar de mais ridículo, que esta criatura mesquinha e miserável, que não é sequer dona de si mesma e está exposta às ofensas provenientes de todas as coisas, que se afirma dona e senhora do universo, quando nem sequer tem a faculdade de conhecer a mínima parte deste, quanto mais de o dirigir?”. Vamos encontrar este pessimismo – *realismo?!* – em Pascal.

Nicolau de Cusa (1401) reconhece no homem a ignorância ou como lhe chama mais especificamente, “douta ignorância”. É indubitavelmente um dos precursores de Copérnico e Galileu. Na sequência das especulações de Occam, não admite a doutrina aristotélica da perfeição dos corpos celestes e da corruptibilidade dos sublunares. A Terra não é o centro do mundo e por isso é dotada de movimento, que é quase circular. É uma estrela “*sui generis*”, idêntica ao Sol, verificando-se nos outros astros a possibilidade de serem habitados por outros seres inteligentes, mas distintos de nós em espécie.

Nicolau Copérnico (1473). Até ao Renascimento, a doutrina da Igreja estribava-se nos ensinamentos de Aristóteles – *o mundo era uma esfera finita, com a Terra ao centro* –, colmatada pelos estudos de Cláudio Ptolomeu, que fez os possíveis e os impossíveis para descrever os movimentos dos astros através de órbitas rigorosamente circulares. Com Copérnico, cónego, médico e astrónomo, a já aguardada destruição da concepção aristotélica do mundo, aparece vertida na obra “*De Revolutionibus orbium celestium*”, dedicada ao Papa Paulo III e que surgiu com um prefácio de Osiander, que temeroso e por sua própria conta e risco, face aos seus escrúpulos quanto à matéria bíblica, a apresentou como mera hipótese astronómica. Dez anos antes da publicação desta obra, Copérnico fez circular entre os seus amigos, um resumo das suas teorias – *Comentariolus* –. Demonstrou como todas as dificuldades apresentadas pela cosmologia aristotélica eram facilmente resolvidas pela aceitação do

movimento da Terra em torno de si mesma – *contrariamente à doutrina que a referenciava como centro imóvel* –. Reconheceu três movimentos: diurno em torno do próprio eixo, anual à volta do Sol, e o anual do eixo terrestre relativamente ao plano da elíptica.

Com Copérnico, cessa a astronomia antiga, que dá definitivamente lugar à moderna.

Tycho Brahe (1546), astrónomo dinamarquês, ainda sem os recursos do telescópio, num observatório construído na ilha de Hven, estudou a posição das estrelas e seguiu a trajectória de um cometa. Considerando que este se movia para além da Lua, deslocando-se entre os planetas – *que por via deste facto não poderiam estar fixos em esferas transparentes* –, numa trajectória oval – *e não circular* –, concluiu que a física aristotélica não tinha qualquer fundamento. No seu sistema, temos a Terra como centro do universo. Enquanto a Lua e o Sol giram à sua volta, os outros planetas giram à volta deste.

Johannes Kepler (1571) era um admirador de Copérnico. Foi assistente de Tycho Brahe, tendo-lhe sucedido no cargo de astrónomo imperial. E foi das observações do próprio Tycho, que retirou os elementos que lhe permitiram confirmar a doutrina copernicana – *por via da descoberta das três leis reguladoras do movimento dos planetas* –. As duas primeiras leis de Kepler foram publicadas na “Astronomia nova” em 1609 e a terceira surge no escrito “Harmonices Mundi”, em 1619. A primeira, também denominada lei das órbitas, diz-nos que os planetas se movem em torno do Sol descrevendo órbitas que são elipses, com o Sol situado num dos focos; a segunda, que uma linha que se estenda do Sol a um planeta, orientada nesse sentido, varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais e a terceira, que os quadrados dos períodos da revolução dos planetas em torno do Sol são directamente proporcionais aos cubos das suas distâncias médias a este.

Galileu Galilei (1564). Há quem diga, que em bom rigor a investigação científica começa com Galileu, que não se limita apenas a observar. Observa e experimenta. Defende as teses de Copérnico. Fez várias descobertas na mecânica – *estudando o pêndulo, o plano inclinado, a queda dos corpos, os movimentos acelerados, tendo demonstrado a falsidade da premissa aristotélica, segundo a qual os corpos caem com velocidade proporcional ao seu peso* – e descobriu as leis da balística. Com uma luneta – *que terá sido verdadeiramente inventada por um holandês, Hans Lippershey, não obstante possa ter sido aprimorada por Galileu* –, que apresentou em Veneza no ano de 1609, descobre os satélites de Júpiter, as fases de Vénus – *observando as fases de Vénus, deduz que este planeta tem um movimento de translação à volta do Sol* –, as manchas solares – *demonstrando que o Sol tem movimento de rotação* –, as montanhas da Lua – *cuja altura calcula por via das suas sombras* –, e apercebe-se que a

esfera celeste tem muito mais estrelas do que as visíveis a olho nu – *dando-se assim conta de que a Via Láctea é um conjunto de estrelas e não “a estrada pela qual as almas subiam ao céu”* –. Condensou todas as suas descobertas num pequeno livro de apenas 28 páginas, o “Sidereus Nuncius”. Face a tais descobertas é citado num processo do Santo Ofício, instaurado em 1633, que findou com a famosa abjuração, onde rejeitou para evitar a condenação, a teoria heliocêntrica: “Eu (...) Galileu, com setenta anos de idade (...) tendo diante dos meus olhos os sacrossantos Evangelhos que toco com as mãos, juro que sempre acreditei, que creio agora e com o auxílio de Deus, continuarei a crer em tudo o que defende, prega e ensina a Santíssima Igreja Católica e Apostólica (...). A falsa opinião de que o Sol esteja no centro do mundo e não se mova (...) dela abjuro de coração sincero e não fingida fé (...), maldigo e detesto tais erros e heresias (...) e se conhecer algum herege ou suspeito de heresia denunciá-lo-ei a este Santo Ofício ou ao inquisidor do lugar onde me encontre (...). Assino de meu punho e letra a presente cédula de abjuração, que recitei palavra por palavra em Roma, no convento Della Minerva, no dia de hoje, 22 de Junho de 1633”. Falece em 8 de Janeiro de 1642, com a glória das descobertas realizadas, mas com a dignidade corrompida pela falta de coragem.

Isaac Newton (1642). Com Newton, a física terrestre é unificada com a celeste, quando demonstrou que a queda de um corpo na superfície da Terra, tal como o movimento da Lua na sua órbita, são explicados pela força gravitacional – *força de atracção* –, força esta, dependente da massa relativa a dois corpos e da distância entre os mesmos. Foi Newton, que construiu por volta de 1670, o telescópio reflector, telescópio em que se recorre a um espelho secundário plano, que desvia o feixe luminoso que se originou por reflexão na objectiva – *espelho primário* – fazendo convergir os raios luminosos no foco Newtoniano.

Gian Domenico Cassini (1625). É um dos fundadores da planetologia. Como a partir de 1664 pode dispor de bons telescópios, com diâmetros de cerca de dez centímetros e distâncias focais de alguns metros – *o que diminuiu a aberração cromática das lentes* –, descobriu o movimento de rotação de Júpiter – *consumado em 9h e 56m* –, de Marte, em 24h e 40m – *tendo-se enganado neste, em apenas 2m e 38s para mais* –, calculou as órbitas dos satélites daquele, descobriu quatro satélites de Saturno – *Jápeto, Rea, Tétis e Dione* –, tendo observado pela primeira vez a linha de tom escuro que divide os anéis deste planeta, e mediu com erro ligeiro a distância Terra-Sol.

Edmond Halley (1656). No seguimento de uma viagem que realizou à ilha de Santa Helena, elaborou um catálogo das estrelas meridionais, tendo sido o autor do primeiro mapa meteorológico da Terra. Com os elementos bibliográficos disponíveis, procedeu ao estudo das órbitas dos

cometas que foram visionados entre 1337 e 1698, constatando que três, tinham trajetórias muito semelhantes, tudo levando a crer, tratar-se de um mesmo objecto a descrever uma órbita fechada com um período de 75 anos. Previu assim, o seu regresso para o ano de 1758, regresso que veio efectivamente a ocorrer no ano seguinte (1759). É o cometa Halley.

Friederich Wilhem Herschel (1738). Interessa-se tardiamente pela astronomia – *com a idade de 35 anos* –. Procurou construir telescópios com a máxima ampliação e capacidade de resolução, tendo o último que construiu um espelho com um metro e vinte e dois centímetros de diâmetro, um peso superior a uma tonelada, e uma distância focal de cerca de doze metros. Desenhou um mapa de todo o sistema estelar, descobriu numerosos cometas, as calotas polares de Marte, seis satélites de Saturno, o planeta Urano e dois satélites deste.

Charles Messier (1730). Foi o primeiro astrónomo que viu o cometa Halley, quando este regressou ao periélio em 1759. Para além deste, observou um grande número deles, tendo descoberto dezasseis. Com um telescópio de 18 cm, cuja eficácia pode hoje ser comparada à de um aparelho com 8 ou 9 cm, elaborou um catálogo com 45 objectos celestes, publicado em 1771. Posteriormente, com a colaboração de Pierre Méchain, publicou um novo catálogo com 58 novos objectos – *terminando assim, com o n.º 103, o autêntico catálogo Messier, muito apreciado e utilizado por praticamente todos os astrónomos amadores contemporâneos, já que os objectos identificados podem ser visualizados com um pequeno telescópio* –. A estes foram acrescentados 7, numerados de 104 a 110.

Urbain-Jean-Joseph Le Verrier (1811). Face à impossibilidade de prever com exactidão a órbita de Urano, provavelmente devido à presença de um corpo maciço ainda desconhecido e perto deste, no sistema solar, Le Verrier, estabeleceu a sua posição possível em Agosto de 1846, o que veio a ser confirmado por Gottfried Galle, em 23 de Setembro. Estava descoberto o planeta Neptuno.

J. Dreyer, director do Observatório de Armagh, na Irlanda, compilou nos finais do século XIX, o “New General Catalogue” (NGC), com 7840 objectos, a que foram acrescentados 5386 agrupados no denominado “Index Catalogue” (I.C.).

Percival Lowell, em 1905, por intermédio de cálculo previu a existência de um objecto com sete massas terrestres a uma distância de quarenta e três unidades astronómicas do Sol. Já depois da sua morte, em Fevereiro de 1930, Clyde Tombaugh descobria Plutão, quando analisava duas chapas fotográficas, no observatório que tinha sido de Lowell.

A moderna representação do universo reporta-se ao ano de 1924, quando Edwin Hubble, astrónomo norte-americano demonstrou que para

além da nossa galáxia existem muito mais – *que se afastam de nós conduzindo, quer a um decréscimo da densidade quer da temperatura do universo* –.

Nas fases de desenvolvimento actual, as galáxias são constituídas por estrelas com idades diferentes, com ou sem sistemas planetários, nuvens de pó frio ou pouco quente, e gases com temperaturas desiguais e níveis de concentração diversos. São normalmente classificadas em elípticas, espirais e irregulares. A Via Láctea faz parte de um pequeno conjunto de galáxias denominado Grupo Local, com cerca de 30 membros. É a nossa galáxia com um diâmetro de cerca 80.000 anos-luz e o Sol a 27.800 do centro galáctico. Terá qualquer coisa como cem mil milhões de estrelas. Nela existem agrupamentos de estrelas – *os enxames estelares abertos e os enxames globulares* – e nebulosas, para além, evidentemente, de estrelas solitárias, poeiras e gases. Os enxames estelares abertos são grupos de várias dezenas ou centenas de estrelas jovens que em alguns casos são facilmente observáveis com binóculos, pequenos telescópios ou até à vista desarmada. Os enxames mais vistosos e fascinantes são os globulares. Constituídos por um número muito elevado de estrelas – *de 50.000 a alguns milhões* – reunidas à volta de um mesmo centro de gravidade e com uma simetria quase esférica, proporcionam-nos um prazer contemplativo incomparável. As nebulosas podem ser difusas – *nuvem de gás e de poeira que emite luz sob a acção de radiação de estrelas muito quentes que se encontram próximas* –, obscuras – *nuvem de gás e de poeira que oculta estrelas situadas por detrás dela* – e planetárias – *camada gasosa esférica, ejectada por uma estrela que explodiu* –. As nebulosas denominadas planetárias – *mas que nada têm a ver com planetas como erroneamente o seu nome poderia denunciar* – são constituídas por material expulso por uma estrela que é visível no seu centro.

As equações formuladas por Einstein no âmbito da teoria da relatividade vieram demonstrar que a regra no Universo é a impermanência. E aqui, não resisto a citar Pessoa:

“ (...)

Mas o dono da Tabacaria, chegou à porta e ficou à porta.

Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada.

E com o desconforto da alma mal-entendendo.

Ele morrerá e eu morrerei.

Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente

Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de
coisas como tabuletas,

(...) “

Do poema “*Tabacaria*”.

Segundo a teoria do “big bang”, o universo terá tido início há cerca de 15 mil milhões de anos. É a partir daqui que se inicia a contagem do tempo. Este parece não ter qualquer significado antes daquele momento. A teoria da relatividade terminou com a ideia do tempo absoluto e fez constatar a sua interdependência do espaço.

Os fundadores da teoria do “big bang”, que se encontra em constante aperfeiçoamento, são Alexander Friedman, Georges Lemaitre e George Gamow. Este último prevê a existência da denominada radiação fóssil – *se a imagem de um universo em arrefecimento, sugerida pelo movimento das galáxias, é correcta, e se há razão para o regresso ao passado até à era ardente, então no universo actual deverá existir um sinal dessa época sob a forma de uma radiação milimétrica* –. As primeiras considerações foram tecidas no sentido de que a grande explosão ocorreu num momento em que o universo era infinitamente pequeno e denso. No ano de 1965, dezassete anos após a previsão de Gamow, Arno Penzias e Richard Wilson, quando efectuavam experiências com um detector de micro-ondas muito sensível, observaram a radiação fóssil, um clarão milimétrico que provinha de todas as direcções, sem reservas quanto ao tempo – *dia, noite, mês, ano* –, pelo que deveria ter a sua origem no exterior da nossa galáxia. Estavam confirmadas as previsões de Gamow e de Friedman.

Interpretando devidamente este facto, algo nos assalta o espírito: não pode haver um único ponto em explosão como sugere a teoria clássica do “big bang”. É certo, que a constatação de que o universo se encontra a arrefecer leva-nos a concluir que no princípio deve ter sido extraordinariamente mais quente. Esta temperatura elevadíssima conduziu os cientistas à ideia de uma explosão de matéria confinada num volume minúsculo. Um universo infinitamente pequeno e denso. Nesse momento a densidade e a curvatura do espaço-tempo teriam sido infinitas. Tratar-se-ia de uma singularidade, em que qualquer teoria falha. Como diz Reeves – *Últimas Notícias do Cosmos, Gradiva* – “Esta noção muito popular entre os divulgadores e cineastas, corre o risco de criar confusão pois faz intervir elementos que se aplicam à cosmologia e outros que não. Podemos reter a ideia de uma matéria quente (*o explosivo*) que arrefece numa expansão violenta. Mas (...) a imagem de uma matéria inicialmente confinada a um volume minúsculo e propagando-se no espaço vazio envolvente deve ser rejeitada. Se queremos conservar a imagem da explosão, é preciso modificá-la. Imaginemos antes um espaço contínuo em que cada ponto está em explosão. O universo é homogéneo e não tem centro”.

A teoria do “big bang” não foi aceite por todos os astrofísicos. A concepção de um universo em mutação, com nascimento e morte não agrada à inquietude humana – *senão, vejam-se os esforços da Igreja para manter incólumes as doutrinas aristotélicas* –.

Fred Hoyle, astrofísico inglês, formulou com Hermann Bondi e Tom Gold, a teoria do “estado estacionário”. Mesmo admitindo a rarefacção do universo – *as galáxias ao afastarem-se levam a um decréscimo, quer da densidade quer da temperatura* – compensam-na com a criação contínua de matéria. As galáxias afastam-se, mas no vazio inter-galáctico surgem novas aglomerações estelares geradas da matéria nova, em criação contínua.

Contudo, num universo infinito e estático não haveria noite. Olhássemos para onde olhássemos, encontraríamos sempre uma estrela e o seu brilho.

O próprio Einstein, quando formulou a teoria da relatividade, estava convencido de que o nosso universo era estático, ao que alterou os resultados que apontavam em sentido contrário, incluindo nas suas equações a denominada “constante cosmológica”.

Friedman, físico e matemático russo, contrariou esta constante cosmológica, enunciando duas proposições:

1ª - O universo é idêntico seja qual for a direcção para onde se olhe – *proposição que foi demonstrada por Penzias e Wilson* –;

2ª - Isto também ocorre, se observado de qualquer outra galáxia que não a nossa.

O universo não é, pois, estático.

O universo primordial seria algo sem forma, completamente desorganizado, um fluido sem estrutura, com a matéria extraordinariamente densa, quente e incandescente.

Alguns segundos após o “big bang”, a temperatura baixa para cerca de mil milhões de graus, momento em que prótons e neutrões começam a combinar-se produzindo núcleos de átomos de hidrogénio pesado.

Posteriormente surgem os núcleos de hélio.

Algumas horas depois e talvez durante cerca de um milhão de anos, o universo expande-se e com o arrefecimento, os electrões e os núcleos começam a combinar-se para formar átomos. Sobre esta miscelânea inicial, com pequeníssimas variações de densidade, a gravidade exerce os seus efeitos. A matéria primordial era uma combinação quase homogénea de hidrogénio e hélio, que pela fragmentação em torno de núcleos de condensação deu origem às protonuvens galácticas. Os coágulos de matéria ligeiramente mais densos que os envolventes, atraem-nos e o fenómeno amplia-se por si mesmo. Mais massa, maior a força atractiva. Nascem assim, as galáxias, estruturas básicas do universo. Do nosso planeta, as únicas visíveis a olho nu, são a Via Láctea – *franja esbranquiçada de*

forma irregular, que atravessa a abóbada celeste passando pelas constelações do Cisne, da Cassiopeia e do Cocheiro –, as nuvens de Magalhães – *que iluminam com a sua luz ténue as noites do Verão austral* – e a de Andrómeda, descrita no catálogo Messier como M31. Os outros milhares de milhões destes objectos, só podem ser avistados com instrumentos mais ou menos potentes.

O satélite COBE demonstrou a granularidade da radiação fóssil, o que parece ser um dos melhores argumentos para a explicação do nascimento das galáxias. Existem cerca de cem mil milhões de galáxias observáveis, com enormes espaços inter-galácticos.

Hubble, confirmou, por via do efeito Doppler-Fizeau – *as riscas espectrais dos objectos desviam-se para o azul, se a fonte emissora de luz se aproxima dum espectrôscopio e para o vermelho se se afasta* – a previsão que Einstein se recusara a admitir. As galáxias afastam-se e o valor do desvio para o vermelho não é meramente casual, mas antes, directamente proporcional à distância a que se encontram de nós – *quanto mais longe, mais rapidamente se afastam* –. Este afastamento conduz-nos a um decréscimo, quer da densidade quer da temperatura do universo.

Por outro lado, o facto de se afastarem de nós por todos os lados, não quer dizer que sejamos o centro do mundo. Em toda a parte está o centro e o ponto de retorno.

Há quem interprete o afastamento no sentido da expansão do próprio espaço geométrico. As galáxias são arrastadas pelo alongamento do espaço.

No interior das galáxias, o hélio e o hidrogénio dividem-se e entram em colapso como consequência do efeito da gravidade. A compressão progressiva do novo objecto, transforma a energia gravitacional em calor, até que a uma temperatura de cerca de 10 milhões de graus, funciona como um verdadeiro reactor nuclear, obtendo a energia da combinação de núcleos ligeiros com núcleos mais pesados. Aparecem elementos como o hélio e o carbono. Nascem as estrelas, de forma idêntica ao nascimento das galáxias.

Um astrofísico indiano, Sbrahmanyan Chandrasekhar, calculou que uma estrela que esgotasse o seu combustível e tivesse mais do que uma vez e meia a massa do Sol, não poderia manter-se contra a sua própria gravidade. Se a estrela tiver uma massa inferior àquele limite, no estado final, irá transformar-se numa anã negra ou numa anã branca. Se tiver uma massa superior – *ou até cerca de 10 massas solares* – teremos uma estrela de neutrões. O buraco negro pode surgir de uma estrela com algumas dezenas de massas solares. A ideia de buraco negro remonta a finais do século XVIII, quando John Mitchel publicou um estudo em que afirmava que uma estrela de densidade igual à do Sol, mas com um raio 500 vezes maior, teria um campo gravitativo tão intenso que não deixaria sair a luz produzida no seu interior. São astros, cujo campo de gravidade é tão

intenso que nem a própria luz lhes pode ser extraída. É na definição de Stephen Hawking o conjunto de acontecimentos dos quais não é possível escapar para o infinito. A fronteira do astro é formada por trajectórias de raios de luz que não lhe conseguem escapar. Um buraco negro em rotação comportar-se-á como um redemoinho marinho, obrigando tudo quanto dele se aproxima a girar no mesmo sentido da sua rotação. Ao formar-se a singularidade espaço-tempo, poderá assumir a forma de um túnel, que a ficção tem utilizado para suscitar a ideia relativa à comunicação entre diferentes universos ou integrar uma viagem no tempo, no próprio universo a que pertence.

Algumas estrelas com várias massas solares, antes de atingirem o estado de estrelas de neutrões ou buracos negros, explodem na sua parte central, projectando os seus elementos no espaço. São as supernovas. Os elementos enviados para o espaço transformam-se em maternidade de novas estrelas.

A maternidade do nosso sistema é uma nebulosa protoplanetária, nuvem de gás e de pó interestelar que se começou a contrair, assumindo a forma de um disco achatado no centro da qual se formou o Sol – *que é uma estrela solitária, por não pertencer a nenhum sistema binário ou duplo* –. A formação do sistema solar remonta a 4500 milhões de anos. Os elementos da nebulosa, que não se precipitaram para o seu centro – *onde se formou o Sol* – como consequência do movimento de rotação, começaram a agregar-se formando pequenos glóbulos de matéria crescente devidos à atracção gravitacional. Daqui surgiram os planetas, à volta dos quais em determinadas circunstâncias, se repetiu o fenómeno.

O Sol é uma estrela que dista de nós 149,6 milhões de km, o que equivale convencionalmente a uma unidade astronómica. É constituída por cerca de 73% de hidrogénio, 25% de hélio e 2% de outros elementos mais pesados. À superfície tem uma temperatura de 6000° e no interior de 15 milhões de graus. Comparado com Betelgeuse, estrela supergigante da constelação de Orion, tem um raio 1100 vezes menor. Está longe de possuir a massa que o poderia levar a desencadear uma explosão de supernova. Expandir-se-á até Marte na fase de gigante vermelha. Ao perder a atmosfera, restará o núcleo, pequeno como um planeta. É a fase de anã branca. O seu decesso está marcado para daqui a cerca de 5 milhões de anos.

Mercúrio é o planeta mais interior do sistema solar, bastante parecido com a Lua, já que tem a superfície cheia de crateras resultantes do embate de meteoritos. O dia solar é de 176 dias terrestres. De dia a temperatura é de cerca de 500° C e à noite de 200° C. A olho nu aparece como um ponto amarelo alaranjado e é visto na aurora ou no crepúsculo nas proximidades

do horizonte, o que também torna difícil a sua observação com telescópios, devido à distorção da imagem.

A superfície de Vénus é o que mais se aproxima do inferno. Uma pressão 90 vezes superior à da atmosfera terrestre e uma temperatura de cerca de 480°C. A atmosfera é de dióxido de carbono e ácido sulfúrico. Roda sobre si próprio em sentido retrógrado, em 243 dias – *o dia é maior que o ano* –. Chamam-lhe a estrela da manhã ou da tarde. É de fácil observação devido ao seu brilho.

A Terra é o planeta que habitamos. Tem movimento de rotação e translação em volta do Sol, que percorre em cerca de 365,2 dias. Nasceu com o Sol há 4500 milhões de anos.

Sem que exista uma certeza neste domínio pensa-se que a vida tenha surgido há 3,8 milhões de anos – *porque é essa a idade que os geólogos atribuem às rochas mais antigas que contêm carbonatos, elementos associados à vida* –. Os primeiros seres, teriam uma única célula e viveriam em lagos e charcos, produzindo oxigénio por via da fotossíntese, que ao subir criou a camada de ozono da estratosfera, que filtra os raios ultravioletas. Os fósseis mais antigos de seres vivos rudimentares – *algas* – datam de há 3,5 mil milhões de anos.

Há 600 milhões de anos, atentas as condições propícias, dá-se a explosão da vida com o aparecimento de inúmeras espécies vegetais e animais.

Na era primária, alguns vertebrados libertaram-se do ambiente marinho original e muniram-se de pulmões, dividindo-se em dois ramos: os anfíbios ou batráquios e os répteis.

A era secundária foi a dos grandes répteis

A época terciária é dominada pelos mamíferos, onde encontraremos os antepassados dos primatas.

Há cerca de 20 milhões de anos, surgiram os Driopitecos, primatas muito parecidos com os símios modernos, donde descendem os ramapitecíneos. Será provavelmente a partir deste grupo que evoluíram os nossos antepassados.

Há 4 milhões de anos surgem os Australopitecos. Mediam cerca de um metro e vinte e tinham um cérebro com cerca de 400 cm³ – *contra 1300 do nosso* –. Alimentavam-se de frutos e raízes.

Um milhão e meio de anos depois, aparece um Antropiano, com o cérebro mais desenvolvido que o Australopiteco. Os utensílios que fabrica são relativamente perfeitos. É o homo habilis.

O Pitecantropo grande caçador e viajante viveu há 1,5 milhões de anos e o homem de Neandertal vive na Europa até há 40.000 anos.

Recuando 35.000 anos, encontramos o nosso antepassado directo, o homem de Cro-Magnon.

E a nossa civilização nasce apenas há 5000 anos na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.

Seremos os únicos neste cosmos imenso? Drake, concebeu uma fórmula para calcular a quantidade de civilizações tecnológicas, que podem existir actualmente na nossa galáxia. Pelos seus cálculos – *que se estruturaram na: possibilidade da galáxia ter 100.000 ou 300.000 mil milhões de estrelas; proporção de estrelas simples do tipo solar; percentagem destas estrelas que podem ter um sistema planetário; fracção de estrelas com planeta em posição adequada; percentagem de estrelas com um planeta habitável onde se desenvolveu vida; percentagem destes planetas em que se desenvolveu vida inteligente; percentagem dos que evoluíram para uma civilização tecnológica; duração média de uma civilização tecnológica* –, obteve dois resultados, um pessimista e outro optimista. O primeiro, aponta no sentido de existirem 13.950 estrelas com planeta e civilização tecnológica, com uma distância média de 1790 anos-luz, enquanto que o segundo aponta para 192,5 milhões de planetas com civilizações tecnológicas a uma distância média de 75 anos-luz.

Não nos olvidemos, dos 100 mil milhões de outras galáxias visíveis, para além daquelas a que ainda não tivemos acesso e das que nunca iremos ter...

O futuro do nosso universo, dependerá directamente da sua densidade, que por sua vez deriva da matéria cósmica. Quanto maior a densidade, mais as galáxias se atraem. Quanto menor, mais se afastam, levando à rarefacção do universo.

Hoje é uma incógnita a questão relativa à eventual contracção ou rarefacção do cosmos, o que também decorre do desconhecimento do valor da sua densidade. Se esta for superior a três átomos por metro cúbico, o campo de gravidade mútuo das galáxias será suficiente para efectuar o retorno. Se inferior, a expansão prosseguirá indefinidamente – *a densidade crítica é a que está no limite das duas situações* –. Se porventura se vier a contrair, tal não ocorrerá em princípio, antes de 15 mil milhões de anos.

Albert Einstein, disse um dia, querer saber como Deus criou o mundo, “conhecer os seus pensamentos”. Mas faleceu na dúvida e na mesma ignorância em que irão falecer todos os da sua espécie.

É provável – *ou se se quiser, improvável* –, que o Cosmos seja eterno e infinito. No infinito há sempre lugar. Os mundos – *aqui entendidos como “universos”* – podem ser finitos, sucedendo-se na eternidade ou pode existir apenas um, infinito e eterno ou meramente finito. Nada nos garante, por outro lado, a inexistência de mundos paralelos.

Roger Penrose e Stephen Hawking, demonstraram que a teoria da relatividade geral, implicava que o “universo” tinha de ter um princípio e possivelmente um fim. Esta impermanência é uma provocação a profundas reflexões sobre a existência de algo, que esteja para lá das aparências e das mudanças.

Pode não existir um único mundo, mas infinitos, diferenciados entre si pelas configurações iniciais. Num de forças nucleares débeis, não se formariam elementos pesados e seria constituído por hidrogénio, enquanto noutro em que a força de gravidade fosse 10^{30} mais débil que a eléctrica – *no nosso esta relação é de 10^{39}* – tudo seria muito mais pequeno – *estrelas com massas de mil trilionésimas da massa solar* – e com um ciclo vital inferior a um ano. As condições iniciais poderiam também levar a uma radiação cósmica de centenas de graus, inviabilizando a vida humana, quem sabe, permitindo outros tipos de existência.

Assim, as leis que regem um mundo, podem não reger outro, tendo cada um o seu conjunto de leis físicas. Nada nos diz, que existem regras de validade eterna e infinita. Os mundos podem ser como células num organismo que não tem forma nem limite e está para além do nascimento, de qualquer lugar, e da criação.

A maior parte das configurações iniciais, poderiam ser caóticas e irregulares. Inicialmente desordenadas, organizam-se ou mantêm-se naquele estado, divergindo as características e peculiaridades de cada uma. Num mundo em que a interacção forte fosse mais intensa que no nosso, o hidrogénio transformar-se-ia na totalidade em hélio, o que afastaria a possibilidade de existir água. Podemos multiplicar os exemplos conducentes à complexidade ou à “desorganização” – *entendida esta última, no sentido de não ser propícia à eclosão da vida* –.

No nosso mundo, as galáxias estão a afastar-se, presumivelmente pelo alongamento do espaço geométrico. Imaginemos uma célula em crescimento. As galáxias estão fixas no seu tecido. Não se movem relativamente à membrana celular. Contudo, afastam-se tanto mais rapidamente quanto mais longe estiverem do local da observação, fenómeno perceptível de todo e qualquer lugar.

Na infinitude, outras “células” poderão comportar-se de forma diversa, colapsando num curto período de tempo ou serem alimentadas por materiais componentes de mundos contíguos. O canibalismo cósmico dependerá das distâncias entre mundos e das velocidades de crescimento das “células”. Em mundos idênticos, os gases e o pó dos dois sistemas acabam por se fundir, enquanto as estrelas se limitam a alterar a sua trajectória nos subsistemas – *galáxias* –. O novo mundo, gerado por força da acção gravitatória, está ampliado e transforma-se numa armadilha mais eficaz do que os vizinhos de menores dimensões, cuja captura será apenas uma questão de tempo, caso as configurações por qualquer motivo a tal não

obstem. Um mundo em rarefacção pode também nesta perspectiva ser alimentado pela matéria de um outro ou integrar-se nele, perpetuando determinadas estruturas.

Assim, o nascimento e a morte podem não ocorrer em todas as “células”, que conseqüentemente poderão participar da eternidade do todo. Apesar de serem um fluxo perpétuo, mantêm-se vivas, ainda que em constante mutação.

A matéria do mundo que habitamos, no princípio seria irregular e caótica. Originária ou derivada de contracção, colisão, expansão de outros espaços “celulares”. Poderia ser o resultado de um “big crunch”, em que as partículas constituintes de um sistema em colapso não colidiram integralmente formando uma singularidade, mas passaram ao lado, afastando-se de seguida e provocando a expansão a que agora assistimos. Ou pode ter existido desde sempre, aguardando que qualquer condição fortuita e obscura despoletasse o primeiro movimento.

O “big bang” é o limite do astrofísico e é também o limite da pesquisa metastronómica no que se desenrola para além dele. Com ele, começa um tempo específico, que não tem sentido fora da “célula” que habitamos. Não podemos falar de acontecimentos, prescindindo das noções de espaço e de tempo. Este último conceito, no domínio da teoria da relatividade não é absoluto, depende donde estamos e da forma como nos deslocamos.

Na primeira espécie de modelo de Friedman, o universo expande-se e depois contrai-se. O espaço é curvado sobre si próprio como a superfície da Terra. A sua densidade média é superior à densidade crítica. É um mundo finito na sua dimensão. Na segunda, a expansão é eterna. O espaço faz lembrar a superfície de uma sela e é infinito. A densidade média é menor que a densidade crítica. Na terceira, a expansão ocorre à taxa crítica e o espaço é plano e infinito.

Daqui por milhares de milhões de anos, o espaço contrair-se-á fazendo com que toda a matéria entre em colapso ou a expansão e conseqüente rarefacção fará com que se transforme num mundo completamente estéril, até que na melhor das hipóteses seja absorvido ou alimentado pela expansão de um vizinho?

Será a dissolução um retorno à origem, que não afectará o todo e a unidade, não alterando a mutabilidade da matéria a natureza do que é permanente?

Se tudo for Um, afinal quem nasce e quem morre?

Na eternidade e no infinito reina o princípio da incerteza. Todas as probabilidades podem ser tidas por lógicas.

Esta eternidade e infinitude existem por si ou são a emanacção de algo, a quem chamamos Deus, Ser, Absoluto, Alá, Todo ou qualquer outro dos seus mil e um nomes?

O divino transcende a esfera da experiência humana. Há uma transcendência absoluta relativamente a tudo o que o homem conhece. É inapreensível, impossível de conceber, para além do raciocínio, da experimentação.

A perguntas, tais como, porque existe o universo? Porque existe alguma coisa em vez de nada (Leibniz)? Porque existimos nós? Onde vivemos? Quem somos? Para onde vamos?, não responde a ciência, tropeça a filosofia em contradições sucessivas e induz-nos a teologia a crer que somos detentores da verdade, em atitude de impertinente arrogância.

Deus, a alma, a existência, criação, e destino do Universo, permanecerão para sempre como mistérios, pelo menos enquanto objecto do exercício da razão, do dogmatismo teológico ou da experimentação científica.

Talvez haja uma forma, que nos permita aceder ao conhecimento, sem recurso ao pensamento e aos seus múltiplos artifícios. Se houver, é incomunicável, constituindo-se como um trilho individual. Se houver, será cada um de nós, sem mestres, gurus, dirigentes, crenças e dogmas que a irá encontrar, sem que a procure ou quando menos a procurar.

&&&

Os nossos cérebros têm amontoado uma quantidade imensa de velhos objectos, que não são propriamente propriedade de um antiquário, mas peças indiscriminadamente armazenadas em prateleiras desorganizadas e empoeiradas de um ferro-velho.

Os resquícios do passado aglomeram-se, confundem-se e fortalecem-se em colisões contínuas, fruto do pensamento caótico e desordenado. Toda esta actividade embota os sentidos, inviabilizando a percepção da vida no seu contínuo fluir, e da sua beleza própria.

Se queremos uma mente lúcida, aberta ao mundo, à integridade, é fundamental proceder à “limpeza” do cérebro, e de todos os condicionamentos e pensamentos obnubiladores. É essencial entender que a liberdade, a não-dependência, é o único meio de aceder ao Todo, e que a purificação do cérebro não poderá nunca ser obra de práticas dominadas pelo esforço com a sua consequência óbvia, que é o mecanismo do recalçamento.

A ideia, o pensamento, são produto do cérebro. Este, é um órgão extraordinariamente limitado, como tudo o que vagueia no universo; está enredado nas teias do espaço e do tempo. Assim, nunca lhe será possível atingir o inominado, o Absoluto.

No nosso tempo grassa a incompetência. Os especialistas, médicos, advogados, entre tantos outros, ocupam-se com trivialidades, correm mais do que a própria ganância, de um lado para outro, mais parecendo baratas tontas do que seres humanos.

Estamos minados de doutores analfabetos, seres despidos de sabedoria e com poucos conhecimentos.

Gentis com os poderosos, negligentes e desinteressados com os desvalidos, fedem de tanta malvadez, incúria e avidez.

Nada aproveitam da vida. Estão afastados da beleza, das experiências gratificantes, da gratuidade do amor. Envelhecem como o boi no cercado ou como suínos em período de invernada, gordos e anafados, de carne pútrida, não obstante tenham cangas ornadas com pedrarias raras.

É preferível desconhecer algo, do que ser ignorante a seu respeito, ostentando conhecimento.

O que não sabe e não age, nenhum mal causará.

O que não sabe e age, é tão prejudicial quanto um exército recrutado num hospício.

Quando nos tornamos amantes de alguém, sem qualquer exigência, a relação viceja em paz.

O casamento para além de cercear a nossa liberdade, impõe uma renovação quotidiana, que não se compadece com a natureza da maioria dos homens.

É mais fácil atear o fogo da “paixão” de quando em vez, do que ser forçado a empreendê-lo quotidianamente.

O amor surge como a brisa matinal que não é invocada, quando os estados ou sentimentos negativos são expurgados. Onde há inveja, ciúme, ambição, e apego, não pode haver amor.

Quando buscamos algo, nada mais encontramos. A insistência obsessiva na perseguição de um objecto ou na prossecução de um objectivo, impede-nos de encontrar seja o que for.

Só conseguiremos *encontrar* seja o que for, na vigilância passiva, na ausência de esforço, na plena liberdade da mente, o que não se compadece com metas ou finalidades.

Conhecer os outros é sabedoria.

Procurares o conhecimento de ti, com constância, é o princípio da iluminação.

Onde há amor não pode existir medo, simulação ou segredo.

Amor e fantasmas ou espíritos do outro mundo são duas realidades idênticas.

Muito especulamos acerca deles, mas só alguns alienados os viram.

A bondade tem o dom de se deixar explorar por ladrões e oportunistas.

A maldade é a força gestante do medo.

Os bons são explorados e os maus temidos.

Para viveres no justo equilíbrio, mantém com constância o coração da pomba e com frieza afectiva o espírito da serpente.

Quando se te referem, nomeiam-te como a compassividade em pessoa.

Tenho dúvidas legítimas e as aparências não me iludem.

Como é que tu, na tua fraqueza e cobardia, podes ser compassivo?

Há o sexo praticado pelo sexo, o sexo por afeição, o sexo por “amor”.

Há o sexo com restrições, sexo sem restrições, o sexo limitado eticamente, ou degradante.

O Amor dispensa a moral, mas não justifica a perversão, e o “amor” quase nunca dispensa o sexo.

Se dou o supérfluo, o que já não tem para mim qualquer utilidade, será a acção meritória?

O mérito da beneficência deriva da auto-privação.

O sexo, no seu silêncio quase místico não se compadece com estúpidas reflexões.

Um dos Mandamentos do Amor:

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Muito mal amamos o próximo, por muito mal nos amarmos.

Se a nossa energia estiver debilitada e o espírito conturbado por hesitações, débeis devem ser os nossos empreendimentos.

Respeito as prostitutas na sua verdade. Atente-se que contrariamente ao que se afirma, nada vendem, já que o corpo mantém a sua integridade física e individualidade; limitam-se antes, a prestar um serviço bastas vezes valioso, a homens medíocres.

Não respeito as mulheres que prestam um serviço em troca de favores, e estas, são indubitavelmente “cem vezes” em maior número que aquelas.

Também as não respeito quando trocam o serviço por “amor”, sendo provavelmente hoje, em menor número das que o permutam por favores.

Falamos de amor, de amizade.

São tantos os amigos de que parecemos dispor. Mas, a regra é a unilateralidade, ou seja, em verdade e com rigor, só um é amigo do outro. Este, ou é um manipulador ou alguém que se aproveita das acções e sentimentos gratuitos do outro, que é crédulo e inocente.

O amor no mundo, é essencialmente amor-próprio. Se o rico tem muitos parentes, o poderoso tem muitos amigos.

A celebridade é uma ilusão. Al Capone e Saddam Hussein, são mais célebres que Gandhi e do que a Madre Teresa de Calcutá.
É preferível viver na obscuridade.

Sou tão somente aquilo que sou.
Sei que sou julgado pelo que pareço ser.
Pouco me importa, continuarei a ser o que sou, mesmo que erroneamente avaliado.
A minha reputação é o casaco velho e coçado do fundo da gaveta que nunca é aberta e que quando o for, terá o seu conteúdo corrompido pelo tempo e pela traça.

Não consigo suportar injustiças. Tenho pautado a minha vida pela indignação, protestando por mim e pelos outros, quase sempre pelos outros. A maioria dos homens só protesta quando sente a injustiça na própria carne, e só o faz quando não pressagia consequências nefastas.

O silêncio face às injustiças é uma cobardia, pelo que o mundo é um antro de cobardes.

No dia em que não me indignar, creiam: estarei a urinar sem que o saiba para os meus próprios pés.

Nada possuir, nem mesmo uma ideia, é fonte inesgotável de alegria.

A inocência da criança faz com que no menos encontre o mais, enquanto que os condicionamentos do homem fazem com que no mais nada encontre.

As obras que realizamos são perecíveis.
Umhas vezes perecemos antes delas, outras com elas, e outras depois delas.
Mas, ambos, estamos sujeitos à corruptibilidade.

Bernard Shaw disse que “a democracia é apenas a substituição de alguns corruptos por muitos incompetentes”.

Não é bem o que tenho vindo a assistir: a democracia é a substituição de uma meia dúzia de corruptos, por milhares deles, que para maior infortúnio são também incompetentes e ignorantes.

Quem é Deus?

Qual Deus?

O que tu mesmo criaste!

Segundo o Génesis, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Precisamos de corrigir as Escrituras:

O homem criou Deus à sua imagem e pede-lhe com constância o que em regra conseguiria obter, não fora a sua preguiça.

O ignorante tem por hábito apoiar-se na ponta dos pés, tal bailarina. Nessa posição, manter-se-á apenas por breves momentos.

Tem também o hábito e a necessidade de se sentar nos lugares onde pode ser visto e ouvido.

Por seu turno, o sábio, mantém-se assente na totalidade da palma dos pés. Mesmo que o cansaço o domine, suportará esta posição por longas horas.

Por outro lado, senta-se nos últimos lugares, onde tudo pode ver e ouvir, sem que seja visto ou ouvido.

Um país onde se verifica a lentidão da justiça torna a pena inútil.

Vejo muita gente que julga valer as suas posses, o que veste e ostenta. A maior parte nem isso vale.

Hoje sinto uma alegria imensa no nada, e assim tenho tudo, nem o nada me falta.

Nunca abandonei gente considerada de má reputação. Necessitam mais de mim do que os denominados “bondosos”.

Não consigo agradar a todos. Não quero agradar ao mundo, pois isso seria enganar toda a gente.

Nem Deus que é Deus, consegue agradar a tudo e todos.

Sinto por vezes, pena é que não seja sempre, que nada me pode abalar e tenho forças para superar todas as adversidades.

Nessa altura, liberto do medo, a tudo me atrevo.

Não busques a felicidade. Limita-te a ser feliz, sem qualquer causa ou objectivo.

Sê feliz em tudo e em nada.

Não penses na felicidade, isso torna-te infeliz.

Imita as crianças e serás contemplado com a visão suprema da Paz.

De nada servem as palavras, por mais belas e inspiradas que pareçam, se não tiverem correspondência na acção de quem as profere.

Vale mais uma acção correcta, um exemplo gratificante, do que mil prédicas.

Sempre me acautelei dos que me lisonjeiam. A sua língua é na maior parte das vezes, viperina.

Prefiro um inimigo sábio, a mil asnos por amigos.

A cada dia o seu afã.

A avareza é uma doença crónica de todos os que pensam conseguir viver para todo o sempre, apegados às suas riquezas.

A prodigalidade é uma doença aguda dos que se julgam portadores de patologia crónica letal, e vivem como se o dia de amanhã fosse o da sua morte.

A maior parte das vezes quando falo, tudo indica ou faz parecer que brinco.

Acautelem-se, pois é nesse momento que digo as verdades estribadas em factos, que ninguém deseja ouvir.

Os homens viajam para se divertirem; buscam o auto-esquecimento no entretenimento.

Eu viajo para estar comigo, comigo mesmo.

Não busques no mundo o que dentro de ti está. Evita esforços completamente inúteis.

A maior punição para as más acções, comumente denominadas “pecado”, não é o Inferno, mas uma das suas sinónimas: o sentimento de culpa.

Tenho quase a certeza de que inexitem certezas. Assim, até o facto de inexistirem certezas é uma incerteza.

A fé nasceu para validar certezas incertas.

Se a tua vida se reduzir ao teu estômago e aos órgãos genitais, morrerás como uma vaca leiteira: carne velha e nenhum leite.

A sabedoria não é a arte de responder de modo correcto, mas a de questionar, conduzindo-nos à Realidade e à Verdade.

Julgas-te deus. Ciência e progresso iludem-te.

Nada sabes de ti, muito menos do Universo, quanto mais acerca da alma e do Absoluto.

A ignorância é o teu atributo, e nada fazes para a superar, alimentando-te de futilidades e esperanças vãs.

O progresso criou e desenvolve a uma velocidade alucinante os ordenadores.

O desenvolvimento do cérebro humano tem sido limitado pelo progresso. Para além das ilusões, da imaginação, por ora não reprodutíveis, é o seu tecnicismo que elege os ordenadores como modelo, e não o contrário.

Há cobardes que só o não são em aparência, já que aparentando tê-la, não têm réstia de coragem.

Há heróis, porque por medo e cobardia não fugiram.

Os empresários industriais são mais pobres que a maior parte dos sem-abrigo, porquanto só conhecem um princípio, uma ética, uma realidade: a do lucro. Os ricos que ambicionam mais riqueza são mais do que pobres, são miseráveis por excelência.

Procuro sempre que as minhas acções se constituam como norma única de Direito Natural.

Ao homem falso tem de ser atribuída alguma genialidade: a de convencer a quase totalidade dos homens na sua natural estultícia.

Julguei homens simples, comuns, que mataram outros homens, nomeadamente por honra, vingança, ciúme. A estes, o povo chama assassinos.

Há outros que matam o povo à fome, enquanto enriquecem e acumulam de riquezas os seus lacaios. O povo submete-se e estima-os por medo, bajulando-os.

Outros matam milhares em guerras de proveito próprio, que invocam em nome da democracia, do patriotismo, de Deus. A estes chama o povo, salvadores.

Há médicos que matam por ignorância, preguiça, negligência e desumanidade. Destes realçamos o acaso e o facto do erro ser uma constante humana.

Há os que fazem o mal e os que permitem que aqueles o façam. Ambos são abomináveis.

Se fores vítima de injustiça, busca conselho, para que ajas com correcção, já que muito poucos são bons julgadores em causa própria.

Se forem outros os injustiçados, insurge-te, nem que isso faça perigar a tua comodidade ou segurança, de contrário, enfrenta-te como o pior dos cobardes.

Em regra, quando jovem, confiava em tudo ou quase tudo.

Agora, nos portais do envelhecimento, desconfio de tudo, em especial de mim mesmo.

Não existe nada neste mundo que não mereça e não deva ser questionado.

A maior parte do sofrimento psicológico advém da vontade consciente ou inconsciente dos homens serem vítimas da dor.

O sofrimento imaginário, mantendo o seu cérebro ocupado, libera-os de questões fulcrais e controversas, que urgiria resolver.

Talvez seja esta a razão fundamental da vida se constituir essencialmente como padecimento psicológico, com alguns breves lampejos de alegria.

Tanto o crente quanto o céptico não indagativo, são os imperadores da indolência e da frouxidão.

O futuro não depende de nada. Apenas de si próprio. Engana-se quem o considera como consequência directa e necessária do presente.

A imitação é uma aberração, mesmo a das grandes almas.
Sê quem és.

Evito mentir. Tenho consciência plena de que com a verdade firo com maior intensidade quem merece ou necessita de ser ferido.

As palavras elegantes são quase sempre enganadoras.

Corres de um lado ao outro, aparentando afazeres, obrigações inadiáveis. Assim, esqueces-te de ti e mostras aos teus semelhantes como és produtivo e essencial, na tua superficialidade e real inacção.

A proximidade da morte rememora uma enorme quantidade de projectos arquivados na mente, angustiando-nos.

Fazer planos, elaborar projectos, é como pescar num lago seco.

Gandhi afirmou que “o fraco jamais perdoa: o perdão é uma das características do forte.” No entanto, o forte não tem necessidade de perdoar, porque nada o pode ofender, e onde não há ferida não há necessidade de cura.

O progresso tem duas faces. Não consegui descobrir qual delas é a mais proveitosa.

A razão impede-nos de olhar para além das estrelas.
Experimenta o silêncio.

A mentira por omissão é muito mais poderosa e difícil de desvendar do que a mentira por acção.

Não me vingo seja de quem for.
Basta esquecer-me ou lembrar-me perfeitamente de ter esquecido.

Coerência e constância não devem ser confundidas com intolerância.
Ser-se íntegro não obriga à estabilidade de opiniões. A mudança livre, desinteressada e consciente é o alicerce da integridade.

Ciência e técnica são fardos de conhecimento carregados por um sendeiro.

A sabedoria alivia o asno da sua carga.

A sublimação, recalçamento ou compensação do instinto sexual, pode também ser considerada uma perversão sexual.

Porque é que escolheis a via do delito punível criminalmente?

Esta sociedade protege os criminosos por excelência, desde que tenham perspicácia para encontrarem as leis certas e as interpretações devidas.

Hesitação é a incapacidade de decidir.

Na imaturidade decidimos impulsivamente.

Na maturidade, a maioria hesita por dúvida, por falta de confiança em si mesmo ou por frouxidão. Assim, não decidem ou decidem mal.

Raros são os que conscientemente enfrentam tão difícil empresa como a decisão.

Rico é quem não deseja.

Quando me sento nas fragas da montanha, entendo sem pensar, que a Natureza é paciência.

O hastear de uma bandeira é a lembrança de guerras, de sangue derramado por inocentes.

Não as elevemos nos seus orgulhosos mastros, queimemo-las.

O homem para além de estúpido, é o único ser vivo na superfície terrestre que necessita de trabalhar, porquanto na sua crassa boçalidade inventou o trabalho.

Há idosos que se arrastam na vida, alardeando os muitos anos passados.

Pena é, que não tenham vivido por inteiro um único dia.

Há homens que perderam todos os seus bens materiais ou que se viram desprovidos das suas riquezas, homens que perderam os seres que amavam, e há ainda os que nada perderam por nada terem. A única coisa que não devemos perder é a capacidade de aceitar a vida tal qual ela é; o “sim” inequívoco, seja à felicidade seja à adversidade.

Resiste mais à intempérie do quotidiano quem teve de ultrapassar obstáculos na vida, construindo-a no seio de dificuldades. O facilitismo no consumismo, torna os homens birrentos tais crianças mimadas e as crianças e adolescentes transformar-se-ão em adultos ineptos.

Quando estamos doentes apercebemo-nos de que parte das nossas vidas foi gasta em futilidades. Pena é que o retorno da saúde traga consigo uma espécie particular de amnésia perniciosa.

Há um momento da nossa existência que nos é particularmente grato: aquele em que passamos a desvendar minuto a minuto e em profundidade, o mais íntimo do nosso ser. Provavelmente, a existência humana não tem outro objectivo que a justifique.

Para o pessimista tudo são presságios de desgraça. O optimista, por seu turno, encara bastas vezes a vida com um excesso de leviandade. Nem a rosa tem espinhos nem os espinhos têm rosas... Não existe atitude mais conforme à prudência do que a daquele que encara os acontecimentos de modo realista e com a frieza de espírito fundamentadora de justa acção.

Não há nada neste mundo que não possa ser dito com um sorriso nos lábios. As repreensões têm uma utilidade acrescida quando atingem o visado como o orvalho atinge a flor. O granizo é destruidor.

O ciúme prende-se com o sentimento de posse. Não queremos que outrem desfrute do nosso amor, amizade, afeição.

No ciúme, convertemos os outros em coisas, em bens susceptíveis do gozo do direito de propriedade. Nele, o único amor que existe é o amor-próprio.

Quanto maior o apego à “coisa” amada, maior o sofrimento do que perde ou duvida da fidelidade do seu “objecto”. É corrosivo, e até que o apego se desvaneça, o seu sujeito activo não pára de remoer pensamentos, que em muitos dos casos são meras confabulações.

Libertamo-nos do ciúme, quando nos libertamos dos apegos, e destes pela destruição do ávido “ego”. A reflexão não nos alivia ou liberta. Apenas nos vai dizendo, que não há nada que o justifique. E quanto mais o repetimos, mais repetimos os pensamentos que em círculo obsessivo assolam e absorvem o cérebro.

Este é um mundo de rótulos, inscrições, denominações, de clubes, associações, grémios, de religiões, crenças, fé, doutrinas e devoções, de facções políticas, partidos e seitas. Cristãos, muçulmanos, budistas, hindus, democratas, comunistas, portugueses, chineses. Necessitamos de

companhia física e nas ideias, de beneplácito e assentimento. Tememos ficar sós e quando acompanhados assassinamos com a crueldade e impiedade que só aos humanos é reconhecida, em nome de deus, da religião, do estúpido nacionalismo, da revolução e de todos os partidarismos.

Sem rótulos ou etiquetas definidoras estaremos a um passo da liberdade, que só os rios, as árvores e as aves conhecem, desopressão onde a violência é totalmente desconhecida.

Os aspectos formais e cerimoniais da existência arrastam-nos para a desventura e ignorância. Não é a magnificência do culto, a circunspecção dos membros do tribunal ou a farda majestosa do general, que geram santos homens, justiça digna ou vantagem na batalha.

Circundamo-nos de auréolas de soberania e excelência para que as nossas fraquezas e fragilidades possam passar despercebidas. Concebemos preceitos injuntivos que nos protegem dos atropelos e agressões imorais que cometemos, que legitimam ou validam actividades escandalosas e indignam os que se envergonham de tanta libertinagem impunemente estabelecida e aceite. Bendizemos com uma mão, em nome de um deus dos homens, para com a outra exigir o pagamento de sacrifícios espirituais e materiais purificadores. Julgamos os pobres com o desdém de uma falsa igualdade e os ricos com compreensão e aceitação da sua adversidade e má-sorte. Tanta embustice nos adereços e adornos, no espanto e esplendor da ostentação, que apenas serve o intuito lastimável de esconder a mesquinhez e hipocrisia de quem quer aparecer aos olhos do mundo como decente e honesto e é fundamentalmente grosseiro e vicioso, corrupto, imoral e manhoso.

As oferendas são na sua maioria realizadas para compensar algo que é profícuo e agradável ao doador. Uma dádiva é similar ao isco com que o pescador pretende ludibriar o peixe.

Não damos ponto sem nó. As nossas ofertas só muito extraordinariamente são espontâneas, indiferentes ou desinteressadas. Dá-se para colher, no imediato ou num porvir hipotético, mas previsível. Pagam-se favores, benefícios ilícitos e gentilezas. Percebem-se donativos de corruptela e mimos ilegítimos. Engrandecem e cevam os políticos e poderosos, tais suínos em período de invernada, enquanto os desventurados, lerdos, famintos e ignorantes, os vão untando e nutrindo, porque é de muito mais valia o salteador que reparte uma ínfima quota do seu quinhão, do que aquele, que nada partilha, como se uma mão conspurcada fique lavada pela partição do furto socialmente consentido.

O progresso, as múltiplas invenções tecnológicas do século, a vida no maior dos palácios com todas as necessidades e anseios materiais saciados não conduzem à paz. A inquietude espiritual e a angústia existencial podem ser idênticas na abundância e na penúria.

O tempo contemporâneo está eivado de ansiedade, desassossego, e depressão. As doenças do foro mental dominam a sociedade. Quando penetramos na vivência dos homens, na sua “verdade” acerca do mundo, percebemos imediatamente o imenso padecimento psicológico em que se estrutura a vida. Ansiosos, fóbicos, deprimidos e melancólicos, angustiados, por via de factores genéticos, socioculturais, traumáticos, nutricionais, infecciosos, degenerativos ou meramente psicológicos. É esta a dura realidade de uma comunidade que enlouquece e permite e promove o ensandecer dos seus filhos.

Não é a riqueza que deve ser condenada, mas a opulência, a ganância e a avareza. Não é o poder que destrói, mas os seus abusos, tais como o proveito próprio, a corrupção e o compadrio. É tão reprovável a atitude do que se vende por dinheiro, como do que se vende por prestígio, amizade, amor ou até por compaixão.

Não são os bens materiais ou as riquezas que cerceiam o nosso crescimento, mas o “*ego*”.

Tantas estrelas no céu profundo, tantas montanhas recortadas pela luminosidade resplandecente da aurora, águas cintilantes, vales verdes ondulantes, e tanta baixaza, pequenez, farsa, impostura e falsidade.

Há uma alienação generalizada. Falamos de paz, caridade, humildade e multiplicamos as guerras, a ambição, o desejo de poder e a necessidade de prestígio. Dizemo-nos solidários e vamos aperfeiçoando o armamento enquanto milhões morrem por carência dos bens mais elementares. Dizemo-nos desapegados e reacendemos a luta pelos bens materiais minuto a minuto.

Os políticos com as suas gravatas brilhantes, bolsos repletos de influências e patrimónios usurpados, prometem uma sociedade mais justa sem fome e miséria. As suas coniventes damas envergando roupagens de valor avultado, com exuberantes colares e pulseiras angariam fundos para os desfavorecidos. Tantas lágrimas vertidas, tantas palavras derramadas e gestos pseudocaridosos ensaiados em benefício da autocompaixão.

Todos criticam a guerra que mata e estrophia inocentes, mas poucos se inclinam para beijar a face das crianças, dos homens e mulheres que nos

campos de refugiados aguardam lentamente a morte em segredo para não doer, excepcionando-se obviamente os períodos de propaganda eleitoral.

O animal é agressivo quando procura ocupar o espaço possível circundante. O homem agride porque sofre, pretendendo destruir essa dor pelo furor que alija no meio envolvente. Mas com tal atitude apenas gera mais dor.

O tormento que infligimos aos outros retorna como o eco da voz lançada contra uma parede rochosa no vale, e o que deixamos germinar e crescer em nós mesmos multiplica-se em crescendo geométrico.

O Estado, os poderosos, os políticos, os dirigentes, procuram sempre justificar-se. Justificam-se aos outros e a si próprios. Com a tradição, o direito natural, a divina providência, a vontade popular. Justificam, legitimam e validam a ilicitude e imoralidade dos seus actos.

A autoridade nunca é inocente.

Não é só o Estado que é um “monstro frio”. A sociedade humana também o é, destruindo-se a si mesma e à natureza que diz preservar. “As florestas precedem os homens, os desertos seguem-se-lhe”.

A filosofia, instada pelo poder político, submeteu-se-lhe aqui e além no curso da história, validando a sua acção, inexistindo finalidades que justifiquem seja o que for.

As justificações protegem os poderosos e aniquilam os indefesos e desvalidos.

A corrupção, o compadrio e o aproveitamento próprio são as regras desta sociedade falida que se apregoa moralista e justa, mas é imoral, degradada e injusta. Aplaudem-se pedófilos na praça pública, exaltam-se corruptos e assassinos, a quem se prestam homenagens vigorosas. É de todo normal, louvável e em última instância, justificável, que chefes de estado de países ditos democráticos e desenvolvidos, recebam com pompa e circunstância, outros altos dirigentes, verdadeiros homicidas e ladrões enriquecidos à custa da miséria, da fome e ausência de todos os cuidados primários das populações que governam, usufruindo ainda frequentemente dos dividendos por eles ilegalmente obtidos, em festas, comemorações e recepções repugnantes. E ninguém tem a coragem de os tratar pelo seu verdadeiro nome: criminosos da humanidade.

Há fome, miséria, angústia, morte provocada e todos os inúmeros problemas existenciais que assolam a humanidade.

A justiça é uma ficção, tal como a igualdade dos cidadãos perante a lei. As Constituições políticas dos estados afirmam-no, a realidade nega-o.

A sociedade actual estrutura-se no prazer, na ambição, na inveja. Buscamos o prazer com o acumular de bens materiais, com a repetição de experiências agradáveis, com o poder.

Aspirar à repetição de vivências aprazíveis e voluptuosas é fazer germinar o sofrimento psicológico.

Exigimos constantemente novas experiências, novos prazeres ou a repetição dos passados. Estamos insatisfeitos com a vida que levamos e queremos sempre melhorá-la qualitativa e quantitativamente, ao que alimentamos e desenvolvemos um grande número de anseios. E nessa procura desenfreada de gozo, nesse estar no futuro com expectativas de melhoria, passamos ao seu lado.

A família e o trabalho são castelos que nos encarceram e esgotam a nossa vitalidade. O apego à família com as autolimitações para manter o seu equilíbrio sempre precário e a carreira profissional cerceiam a liberdade.

O relacionamento familiar é em regra de uma opacidade brutal. A transparência é de todo excepcional. Marido e mulher convivem numa duplicidade constante, ludibriando-se mutuamente. Simulam amor onde vigora o hábito. Fingem fidelidade onde impera o adultério físico e mental. Desdobram-se em palavras gentis que se estruturam no ciúme, no ódio e na falsidade. São o que efectivamente não são, e deixam de ser o que são por mera conveniência das aparências sociais, escravizando-se a um modo de ser vil e repulsivo.

No trabalho, os indivíduos atropelam-se, iludem-se, esmagam-se, enganam-se. Desenvolvem a secular arte da intriga, da delação, do favorecimento pessoal. Lutam sequiosamente por uma posição favorável espezinhando mesquinha e indiscriminadamente todos os obstáculos. São aquilo em que se transformam: entes desprezíveis escravos da sua ambição.

As agressões do meio familiar e social desencadeiam excitações emocionais que têm de ser imediatamente descarregadas sob pena de provocarem perturbações duradouras. Não podemos viver em paz, se os nossos corações estão infectados por insultos e ofensas.

A adaptação ao meio, com as suas exigências e normas, nomeadamente por intermédio do hábito, não é harmonia, é submissão, é acomodação à estrutura social, que implica contradição interna e dispêndio de energia.

Os nossos hábitos não nos conduzem à almejada alforria espiritual. Tornam-nos escravos sem a menor capacidade autonómica. Beber, tomar drogas, fumar, buscar entretenimento com o fim de esquecer os nossos antagonismos e conflagrações interiores, encaminha-nos no sentido de uma existência aparente, leviana, insípida e fastidiosa.

O hábito, seja ele qual for, destrói a liberdade. O hábito de pensar por tudo e por nada, desvirtua o facto, aquilo que é, esgota e dilacera o cérebro que emprenhado por material obsoleto, dissipa e malbarata o acesso à realidade. Fundamental é expurgar o cérebro da sua rotina, habitude e costumes, libertá-lo da sua mortalha evitando o seu decesso prematuro.

A sociedade transformar-se-á no que é essencial quando cada um de nós se transformar.

É um erro pensar que o legislador, o político, o religioso, têm capacidade para melhorar a consciência dos seres humanos, fazendo cessar a dor psicológica. Caminhamos na direcção do horizonte. A cada aproximação, nova distância. Só existe a vereda sinuosa, nunca a consumação da chegada.

Cada um tem o seu próprio caminho sem mapa, um trilho desconhecido cujos rastros desaparecem imediatamente.

Estamos sós nessa caminhada para algures ou lado nenhum.

O homem não existe para trabalhar e enriquecer. Nasceu para recolher os frutos da terra, amar intensamente, realizar a beleza, e contemplar em paz o meio envolvente.

No entanto, é um operário incansável. Fabrica ininterruptamente objectos, e está constantemente a fabricar-se a si próprio.

O trabalho e a riqueza são invenções do estúpido progresso.

Na cidade grande, os homens limitam a sua vida, à carreira e às obrigações profissionais.

Os nossos dias foram passados a caminhar para o emprego em transportes incómodos, sempre acompanhados por gente sonolenta e mal

encarada, gente que abomina as tarefas que lhes estão destinadas. Uma contenda durável por ascensões, com as inerentes tramas, executando tarefas que só muito raramente nos satisfizeram.

Nos escassos tempos livres vivemos enclausurados em paredes de betão: em casa presos a programas televisivos supérfluos, com os filhos entregues às novas tecnologias; nos cafés, embevecidos por conversas fúteis; nos centros comerciais, desejando os produtos da moda... Trágico...

Há os momentos dedicados ao trabalho e ao estudo que exigem concentração. De qualquer modo, na medida do possível, devemos estar psicologicamente vigilantes.

No resto do tempo há que estar vigilante ao que se passa em nós e ao que nos rodeia, em especial à natureza. Estar atento aos pensamentos, às nuvens no céu, às estrelas, aos reflexos do sol nas águas, à montanha, aos rios e regatos, tarefa que se impõe para sempre.

Nesta atitude, não há tempo ou oportunidade para prantearmos o passado, que é a origem do que hoje somos. Devemos falecer para a sua lembrança.

Sem alento e energia não superamos os obstáculos, não atravessamos o rio de águas caudalosas ou a montanha íngreme. Mas, o empenho para se ser algo mais do que aquilo que se é, transforma-se no maior dos desperdícios. Basta-nos “ser”.

A mudança que se pretende pressupõe esforço. O esforço é contenda e a contenda é padecimento.

O trabalho e o acumular de conhecimentos geram conflitos quando os erigimos em fonte de transformação, de prestígio.

Ser-se o que se é, não querer ser, é a base da mudança que surge espontaneamente.

A consciência psicológica é a totalidade dos estados mentais percebidos pelo sujeito como referidos a si próprio.

O ser humano é idêntico. Ele é o prazer e a dor, ansiedade e tranquilidade, amor e ódio, alegria e tristeza, medo e destemor, segurança e insegurança, traumas e sentimentos de culpa, a herança cultural, os valores éticos e estéticos, e acima de tudo, padecimento psicológico.

Temos estratificada na nossa consciência a história psicológica da humanidade. Há uma estrutura básica da nossa mente que é o resultado das experiências imemoriais da raça e seus antecessores na longa cadeia da evolução da vida. Podem chamar-lhe o que quiserem, inconsciente

profundo, colectivo. Este material comum, provavelmente comum a toda a humanidade, explica a existência de mitos de estrutura análoga em povos e civilizações que não tiveram qualquer contacto. Para além deste, a consciência não tem conteúdo próprio; no entanto, nunca está vazia, está repleta de coisas que lhe são exteriores quando a quietação psicológica é algo de fundamental.

De homem para homem as diferenças são meramente pontuais ao nível qualitativo ou quantitativo e as reacções divergem em conformidade com um terreno próprio cujo substracto é invariavelmente quase comum.

A humanidade inteira está em nós, com os seus desesperos, angústias, problemas psicológicos, indecisão, entusiasmo, astenia.

A consciência é formada pelo pensamento e seus resultados, bem como pelas nossas sensações e conhecemos-lhe vários estados:

- o sono, alimentado por sonhos, momento em que o contacto com o mundo exterior é cortado, criando o cérebro os mais diversos elementos que compõem uma nova realidade, um novo universo;

- o sono profundo, lugar de repouso por excelência, onde deixam de existir anseios e sonhos e nada sabemos ou sentimos;

- ao despertar, um momentâneo estado de libertação de todos os pensamentos com a inerente felicidade que daí advém;

- o estado de vigília.

No momento do despertar há em regra ausência do pensamento. É este estado que devemos buscar com a observação continuada de todos os recessos da mente.

Este é o planeta dos papagaios engravatados. Uma gravata e um monte de citações alheias fazem dum simples oligofrénico um catedrático.

O saber é sempre relativo à situação espaço-temporal do homem. A nossa mente adquire conhecimentos, soma-os recorrendo à memória, à aprendizagem prévia, relaciona-os, reflecte sobre eles.

E quanto mais repetimos, mais citamos, mais inteligência parecemos ter aos olhos do mundo, confundindo-a com a memória que é perniciosa ao perscrutar da vida e ao definitivo estabelecimento da harmonia. Mas há o conhecimento que não é fruto do pensamento e dos seus múltiplos

mecanismos, que é fruto da pura observação e do deslumbre por esta gerado.

Inteligência não é conhecimento, não é pensamento, mas sabedoria. É o discernimento que nasce do silêncio e que nos permite de forma imediata perceber a realidade, separar o trigo do joio, a verdade do falso. É ler o que não está escrito, ouvir o que não foi dito, ver o que não é visível. É observação, percepção pura, no seu mais rigoroso sentido. Não é lógica ou razão, cultura acumulada ou tradição. É uma intuição que emerge do vazio.

Nas montanhas, vales e planícies, oceanos, mares, rios e ribeiras, nas galáxias e no céu da minha aldeia, há muito mais do que todas as filosofias, mesmo as vindouras, podem conter.

A realidade tem uma força e energia que não encontramos em nenhuma doutrina ou sistema filosófico.

Quando olho as águas da pequena barragem do alto da montanha, espanto-me. Se posteriormente permito que o pensamento interfira, gero prazer ou desagrado.

A beleza está no que é. Na realidade a que não necessitamos de adicionar ou subtrair seja o que for para a tornar mais bela ou menos feia.

Olhos, ouvidos, nariz, boca e mãos são os instrumentos que conduzem à realidade. À nossa realidade, percebida parceladamente por via das limitações impostas pelos sentidos.

O mundo não tem uma existência absoluta, tal como o vemos e sentimos. Existe em relação com a nossa mente. Se tivéssemos mais um sentido aparecer-nos-ia numa forma totalmente diferente. Dêem-me mais um sentido e transformarei o universo, farei cair filosofias, destruirei crenças.

No entanto, quando não há “eu”, a Realidade é o que é: Verdade, Beleza, Paixão, Amor.

Quando não somos isto ou aquilo, somos todas as coisas.

Para os materialistas não existe outra realidade para além da matéria e o pensamento resulta dela.

No entanto, os arbustos e pedras que vejo reflectidos nas águas do lago são reais. Real o objecto, real o reflexo. Real a árvore, real a sua sombra.

Tudo morre. O dia com o poente, a noite com a aurora. A árvore, a pedra, o rio, a terra, o sistema solar, as galáxias, o universo. Na morte está o novo, a castidade mental da criança, a Verdade, a Realidade.

A fantasia é ilusão; deturpa a realidade. Queremos ter prestígio, ser conhecidos e reconhecidos em vida e na morte. Procuramos o poder em todas as esquinas que cruzamos, em todos os locais que frequentamos. Sonhamos ser isto ou aquilo, um maestro famoso, político eminente, guerreiro valoroso, artista ou santo. Sonhamos que o mundo se prostra aos nossos pés, tanto, que as estrelas se curvam para nos beijarem e o Sol nasce por nossa secreta vontade. Quem é que não quer ser Deus?! Quem é que não sonhou com a absoluta liberdade?! Quem é que no seu pranto não iludiu o sono para imaginar a ascensão do ser à imortalidade?! O imaginário é-nos caro, é o sopro de alívio do sofrimento, o último reduto do pensamento. Sonhamos para amenizar a dor que gira, parte e retorna, tal fiel animal, que espoliado dum sentir próprio, maltratado e subjugado não abandona seu dono. Somos os mestres do sofrimento psicológico, mestres e aprendizes, locadores e locatários, administradores e administrados. Somos pensamento, somos sofrimento, defuntos numa vida de morte anunciada.

Queremos sempre prolongar o prazer, fazer cessar a dor, encetar uma fuga ao tormento. A fuga do que é, do que ocorre, é um lamento de que ninguém se compadece, somente nós, nessa autocompaixão destrutiva e grito de solidão que não fenece. Mas, estamos vivos nas células que se comprimem num universo imaginário, que dia após dia, tece e é tecido por fio ensarilhado. Estamos vivos numa vida encenada, interpretada e comparada. Estamos vivos na morte, que em crianças e com o “eu”, conosco nasceu.

As águas correm cristalinas na pequena queda junto à barragem, as nuvens são sempre diferentes no céu azul, e os pássaros cantam diferenças ao sabor da aragem. A truta grande e velha do bloco de granito submerso está hoje quieta, tão imóvel quanto a corrente o permite. Mais tarde, cansar-se-á da imobilidade, já que o descanso nem sempre dá tranquilidade, e virá à superfície colher o alimento móvel, sempre com gestos rápidos e fugazes, novos, não estudados. E eu? Faço projectos, conjecturo feitos, iludo os sentidos.

A fantasia e a imaginação deturpam e inviabilizam a percepção límpida das coisas, que só é possível com a quietude do cérebro.

Na ficção há uma representação mental divorciada da realidade.

A ilusão e a fantasia de que se é algo para além do que se é, só produzem alívio passageiro e geram mais sofrimento quando aquele cessa.

Quando fantasiamos não estamos presentes no aqui e agora. Vivemos um futuro fictício, um sonho irreal onde as nossas forças são consumidas e donde nascerá forçosamente a dor, esta sim, evidente.

Só há autenticidade quando desejamos ser nós mesmos, e mais nada para além disso.

Viver no mundo sem ser do mundo, caminhar só na vereda da vida com o abismo à espreita, soltar amarras, içar a vela grande e partir rumo ao nada, sem temer a tempestade nem desejar a calma, conscientes de que nenhuma pessoa ou coisa terá o poder de nos dar ou retirar a paz e o amor. Eis o segredo.

No entanto, caminhamos presos em liberdade. Livres para calcorrear estradas, campos, cidades, e presos aos nossos condicionamentos e experiências.

Estamos condicionados pelas nossas crenças, ideias, hábitos, anseios, apeamentos e medos. Se sou cristão, social-democrata, com ideias preconcebidas acerca de tudo e todos, buscando ardentemente o poder, ligado à mulher com quem vivo, com medo de perder o que possuo e da própria morte, a minha actividade mental desenrola-se num presídio autoconstruído sem acesso ao deslumbre do novo, da mudança que ocorre nas coisas momento a momento.

Destruir os condicionamentos não é recalá-los, sublimá-los, compensá-los. A destruição pressupõe entendimento. Entendimento que decorre da observação contínua e desinteressada, que não emite juízos de valor, comparativos, que se limita à auscultação do que é, levando sem esforço à mudança.

Ao estabelecermos uma relação conducente à apreensão dos elementos comuns ou diversos dos objectos, seres ou pensamentos, confrontamos. Com a comparação destruímos a sua individualidade.

Quando formulamos juízos enunciamos o que deve ou não ser, quando o que é, é um facto indesmentível e irreduzível a qualquer visão limitadora.

Os condicionamentos são destruídos por intermédio do autoconhecimento.

A aprendizagem é um processo complexo capaz de possibilitar ao ser humano e ao próprio animal a aquisição de um determinado comportamento por meio da repetição. Autoconhecimento não é aprendizagem.

Precisamos de ser *críticos* relativamente ao conhecimento adquirido pondo em crise o dogmatismo e as crenças. O espírito crítico é o que está livre de condicionamentos e contradições internas, que é independente e solitário.

Da destruição dos deuses criados pelo pensamento humano, dos dogmas, dos sistemas filosóficos e políticos, das experiências passadas, nasce a liberdade que é incompatível com quaisquer hábitos. O dogmatismo com as suas verdades definitivas é o ventre gestante da intolerância. Esta, a destilaria do ódio.

Se nos libertarmos do pensamento, libertamo-nos de tudo o que nos relativiza, que nos condiciona. E a libertação do pensamento passa pela sua vigilância, momento a momento.

Aí, quando pesquisamos algo, comportamo-nos como quem nada sabe. A pesquisa pressupõe liberdade de respostas pré-programadas pelas nossas motivações e condicionamentos. Seremos crianças inocentes, pobres em espírito, nas quais as impressões residuais e pulsões se apresentam de forma virtual.

Ser livre é caminhar sózinho no deserto ou na multidão, sem fórmulas nem mestres. Para viver precisamos derrubar os condicionamentos.

Estar desacompanhado é o princípio da libertação. É fantástico não contar com nada nem com ninguém para enfrentar uma crise, resolver um problema, ultrapassar um obstáculo.

Numa primeira observação, parecemos nascer para a família, para a sociedade. Mas, nascemos para nós e morremos sozinhos.

A autoridade interior ou exterior produz conformismo, medo e auto-aniquilamento. O Estado, os políticos, as filosofias e religiões criam imperativos éticos e jurídicos que limitam o nosso crescimento e o desabrochar espontâneo da beleza e do amor.

É fundamental morrer para o passado. Há os traumas, os recalcamientos, as sublimações, os complexos de inferioridade, os sentimentos de culpa. Há que os escutar sem desesperar até que se desvançam ou esmoreçam.

A liberdade não se coaduna com rótulos. Requer a destruição dos condicionamentos, do ciúme, da cupidez, do vir a ser e ter. Um cérebro vazio é um cérebro livre, sem disciplinas e regras deformatórias.

Devemos libertar-nos da obstipação emocional. Temos de expressar os nossos sentimentos sejam eles quais forem. Mostrando quem realmente somos ao nível emocional, sem nos preocuparmos com o desagrado ou aprovação daqueles a quem nos expomos, acabamos por destruir as manifestações psicopatológicas que surgem pela hipocrisia da contenção sentimental forçada.

Quando vivemos segundo os nossos próprios parâmetros, isso não é egoísmo, é uma liberdade cujo conteúdo essencial não é afrontado. O egoísmo nasce quando alguém quer impor a outrem as suas regras, determinações e expectativas.

A organização forçada da comunidade, estruturada na integral igualdade dos indivíduos, na comunhão dos bens e dos meios de produção, é utópica. A sua existência dependerá da liberdade de condicionamentos, do ciúme, da inveja e da ambição, do entendimento total dos anseios e do pensamento.

Só a liberdade, não a democrática, mas a psicológica, pode construir uma sociedade isenta de desigualdades, guerras, fome e ódio.

Libertos dos condicionamentos e das impressões residuais, com a inocência da criança de tenra idade, tudo nos espantará. Teremos uma mente livre que não dana seja quem for e não pode ser magoada.

O afecto é um fenómeno energético que se produz na mente superficial ou profunda com eventuais repercussões orgânicas, por via de um estímulo, de manifestação exterior ou até interior. Prazer e sofrimento são encarados como as suas grandes divisões. A afinidade pode ser física ou mental, mas constitui-se em regra, como atracção mútua, e a afectividade é mais do que o somatório das emoções e sentimentos.

Amizade é afeição recíproca. Mas amizade não é amor. Este dispensa a reciprocidade.

Os relacionamentos geram quase sempre padecimento porque esperamos que os outros ajam não segundo as suas próprias convicções, mas segundo as nossas. Queremos que se coadunem com as nossas motivações.

Se abandonarmos estas exigências egoístas cessa a dor. Mas, evitar os relacionamentos para atingir a paz é uma fuga, e como tal, também fonte de sofrimento.

O relacionamento estrutura-se nas ideias reciprocamente formadas pelos relacionados.

Ninguém tem o poder de fazer alguém feliz. Somos nós que decidimos se queremos ser felizes.

Não é a pessoa com quem me relaciono que me faz feliz. A felicidade brota da união, como a água que irrompe de duas nascentes e explode vigorosamente na fonte sulcada na rocha.

A água que me sacia a sede não é duma nem doutra, mas do encontro das duas.

O homem deve exprimir sempre a sua verdade, a menos que esta possa causar um injustificado prejuízo aos outros.

É preciso dizer sim, quando o sim se impõe e não quando o não se impõe, mesmo que isso faça perigar a nossa comodidade, estabilidade ou até a própria vida.

Será necessária coragem para afirmar a verdade?

Os adutores são como as víboras, saem quando o Sol aquece a terra e escondem-se quando das intempéries.

O amor não é físico ou espiritual. Não se cansa nem se esgota. Satisfeito, não diminui de intensidade. É como um quadro para o qual não nos cansamos de olhar. Existe quando o “ego” desaparece, o tempo cessa e o espaço se desvanece.

Amar é voar sobre um oceano de liberdade mútua.

A liberdade é um estado positivo e a adequação, negativo. A escravidão psicológica dos que procuram agradar para satisfazer o capricho doutrem, destrói o amor, cujas pétalas desabrocham quando o nosso ser não é violentado.

Só ama quem é livre. Só ama quem concede liberdade à pessoa amada.

A nossa vida é um amontoado de problemas do princípio ao fim. Problemas de relação – *familiares, laborais, amorosos, nos conhecimentos e amizades* –, sexuais – *com inúmeros mitos e barreiras* –, morais, religiosos, estéticos, psicológicos.

No conflito há um encontro de forças contraditórias, em que cada uma pretende dominar a outra. Do confronto resulta inexoravelmente desgaste.

Os problemas têm de ser resolvidos instantaneamente. A indecisão é um conflito entre o quero e o não quero, vou e não vou, que absorve a actividade do cérebro e o inviabiliza de observar.

Se fugimos do problema, ficamos com ele e com o novo, que cuidávamos adequado para a sua substituição.

Perceber um problema é vê-lo em toda a sua extensão sem que o pensamento interfira. Resolvê-lo é dar-lhe atenção imediata.

Quando agimos na mira dum resultado, dum prémio, da aprovação, do lucro, do prestígio, estamos a estimular o conflito. A própria fantasia também o gera.

Sempre que somos algo e desejamos ser outrem ou queremos esforçadamente modificar uma parte do nosso ser, ele nasce.

Da luta travada pelo ser, para vir a ser, da contradição íntima, nasce invariavelmente um problema, que é um desperdício de vitalidade, de energia, um moinho com velas expostas ao vento sem cereal para moer.

Quando se vive na realidade, há paz, não há conflito. O ser é o que é, e nessa simples existência não germina a litigância.

Os nossos dias são passados em busca da fama, riqueza, prestígio, conhecimento, sexo, poder, da santidade, e deixamos que a vida nos passe ao lado.

É absurdo o que se contradiz a si mesmo, mas também a ambição filosófica, que termina sempre num sentimento de angústia, por via da concreta realidade do homem e das limitações inerentes à sua condição.

Enquanto pelejamos entre nós e connosco há um espectáculo maravilhoso que passa despercebido. São as montanhas de contornos sublimes, as águas cintilantes dos rios, os prados verdejantes, os rostos, o céu azul, que desperdiçamos porque não há tempo para o eterno agora, apenas para um passado falecido e um futuro inexistente.

Não nos basta o que somos. Queremos ser algo mais. Nunca reclinamos a cabeça no momento presente deixando que o vento embale os nossos cabelos e o Sol acaricie os nossos sentidos.

A necessidade de preenchimento, de ser alguém para além do que se é, é uma criação do *ego* e é fonte de conflito com o padecimento resultante.

Queremos ser prestigiados, famosos, célebres entre os célebres e escondemos quem somos.

Falta-nos a franqueza da criança, a realidade da árvore, do mar, das estrelas e mentimos. Mentimos sempre, porque temos medo, de desagradar, de ser rejeitados, de ficar sós.

Iludimos os outros e com o hábito transmudamos essa ilusão em verdade, iludindo-nos a nós mesmos.

Não sabemos quem somos nem quem os outros são. Não queremos saber. É fácil mentir, enganar ou ignorar. É penosa a ampla exposição, a verdade.

Não há nada a atingir. O prestígio, a ambição e os seus frutos são passageiros.

É legítimo terminar com o penar psicológico e com tudo o que não é amor: o ciúme, o sentimento de posse, a ambição, a inveja, o ódio.

A renúncia do santo é uma forma de ascensão ao poder. Não é diferente da ambição de poder e prestígio do político ou da de riqueza do empresário.

Só o “ser” é válido. Por isso o que aprende a viver com os recursos disponíveis, não se angustia na escassez e não se vende aos poderosos.

Vivemos em perpétua insegurança porque não somos como os pássaros do céu ou as flores do campo. A insegurança é pensamento e só existe enquanto este existir e na sua dependência.

É sábio quem sente a efemeridade.

A impermanência é tudo o que temos. Posso contrair uma doença, ser atropelado ou ter qualquer outro acidente, o meu filho e a minha companheira podem morrer, uma guerra pode destruir o meu país, um meteoro a Terra e um qualquer fenómeno desconhecido a galáxia ou o universo.

Na vida impera o acaso. Um autocarro passa uma ponte no momento em que por desgaste de dezenas de anos se desmorona. Há a junção de duas causas: a vontade do motorista em conduzir os passageiros a casa por aquele itinerário e a deterioração mecânica da edificação.

Precisamos entender o facto de que a segurança não existe e viver com isso, não de forma patológica, mas entusiasmada e livre, sem temer a vida e a morte que se complementam, ou melhor, que são uma única e mesma coisa.

A vida futura é um facto incerto. Para viver temos de admitir a insegurança. Temos de a sentir profundamente no nosso coração. Só esse sentimento permite o gozo pleno, intenso e apaixonado do momento presente, único que possui existência real e que é em regra aniquilado pela morte.

Queremos estar seguros por intermédio de crença incontestada num deus pessoal ou impessoal. Esse deus é pensamento e medo, fuga e ilusão, e a insegurança não é destruída e a sensação de impermanência não é mitigada.

Um único e acidental momento de pânico mostra-nos imediatamente a precariedade e instabilidade da existência.

Se o homem estivesse certo da imortalidade da “alma dos justos” ou da sua sobrevivência temporária à morte, proporcionalmente ao mérito das acções e intenções, o mundo seria totalmente diferente. O egoísmo, materialismo, guerra, fome e violência, seriam excepções e não regras.

Qual é o sentido da vida?

Terá algum sentido em especial?

Ou não tem qualquer sentido?

A vida é um dom universal sem sentido particular ou especial. Tem de ser vivida, sentida intensamente, com paixão, em todos os momentos, em todas as circunstâncias. Tem de ser apreendida no seu fluir, no perpétuo movimento da complexa situação existencial formada pelo que é interno e externo.

Pensamos atingir a felicidade por intermédio da riqueza, do poder, do sexo, os três deuses eleitos da humanidade, camuflados por sentimentos hipócritas de generosidade, humildade e amor. Queremos ter prestígio, ser respeitados, venerados, conhecidos e ilustres em vida e até na morte.

Os homens convencem-se até ao momento da morte que o sentido da vida é o “ter”. São como crianças criadas no meio de lobos. Nunca descobrem que podem andar de pé e resignam-se a caminhar em quatro patas.

Saber olhar e escutar é a maior das riquezas. Sem sentido da vida tudo vale a pena.

Ser-se natural é ser como a árvore frondosa que no silêncio da tarde deixa que lhe tirem os frutos e abençoa com a sua sombra todos os que a procuram, como a luz da candeia que ilumina a igreja e o presídio, o padre e a prostituta, o santo e o ladrão ou a chuva que alimenta e faz crescer o pão e as ervas daninhas.

Quem me dera que os meus dias fossem passados com a paz de uma flor, das paredes brancas da casa grande da colina a afagarem o Sol e a Lua, sendo o que sou por sê-lo, tal como a flor exala o seu perfume sem saber qual o seu odor e a parede a sua alvura sem saber a sua cor.

A indiferença afectiva não pode ser resultado do desapego metódico. É imediata, nasce quando o cérebro suspende a produção de pensamentos.

Acusam-me de ser indiferente ao mundo, de não lutar pela sua transformação.

No entanto, a minha influência restringe-se àquilo que sou e não ao que finjo ou quero ser.

A luz da polar é débil, mas indica o Norte sem saber que o indica. Uma pequena quantidade de água pode ser derramada ou salvar a vida dum náufrago. Uma candeia não pode iluminar uma floresta, mas pode incendiá-la.

A vivência das inúmeras situações que se nos deparam na vida leva ao conhecimento que é armazenado em memória. Deste nasce o pensamento que conduz à acção – *negativa ou positiva* –, que se constitui como uma nova vivência ou experiência e assim sucessivamente, sempre com utilização de palavras e imagens.

Precisamos compreender a sucessão de pensamentos, levar esse entendimento até às origens do seu movimento.

A actividade mental é limitada. O nosso cérebro não se desenvolveu de forma a transcender o espaço e o tempo.

Estruturando-se na memória nunca é totalmente novel e em consequência não é integralmente autónomo.

O espanto do filósofo perante o mundo é destruído pela cogitação.

O universo tem os seus limites no espaço-tempo, é divisível em partes, ou até ao infinito?

Há uma liberdade moral ou o conhecimento das causas implica obrigatoriamente o do seu efeito?

Há um “ser” necessário ou apenas entidades contingentes sujeitas a um porvir imprevisível?

O pensamento não pode atingir uma verdade geral. Em primeiro lugar porque é limitado. Depois, porque qualquer atitude que assuma um juízo como verdadeiro é absurda face à inexistência de um critério único de certeza.

Tudo o que vemos para além da natureza no seu estado puro foi gerado pelo pensamento. O homem construiu cidades, desviou leitos de rios, edificou pontes, plantou e devastou florestas, fez recuar os mares, teorizou sistemas filosóficos, inventou religiões, dogmas, superstições, escreveu livros tendo chamado a alguns sagrados, protegeu-se com deuses, ídolos e amuletos.

Deus, a alma, livros divinos e de revelação resultam do pensamento que é limitado, o grande responsável pelo padecimento e pelo tempo. Limitado por no seu âmbito só caber o que foi experimentado, não podendo atingir o desconhecido.

O Absoluto não pode estar na área do pensamento.

É difícil “observar” o pensamento e o que nos rodeia. Estamos mais interessados em manter os conflitos. É um hábito difícil de destruir. Os hábitos só cessam quando morremos para eles instantaneamente. E esta morte, é a morte do pensamento que só se atinge com a observação incessante da mente.

Quando o pensamento cessa, o “eu” desaparece, deixamos de existir e nesse estado magnífico sem sofrimento passa a existir a Verdade, a Beleza, o Amor. Só há perturbação onde existe o *ego*, que é sucessão de pensamentos. Estes incomodam tanto como o brinquedo que a criança sabe que vai receber no dia seguinte e a impede de adormecer.

Dizemos constantemente que devemos controlar a agressividade, o ódio, a ira, a inveja, o ciúme, o medo, o desejo. Estes estados emocionais são pensamento e o pensamento não nos é exterior.

Afinal quem controla quem? Eu a controlar o meu “eu”? Este, não sou “eu” mesmo?

Só na presença do “eu” há ódio, inveja, ciúme, medo e desejo.

É o pensamento que cria o “eu”. Sem pensamento não há pensador.

O problema fundamental é entender o pensamento. É fundamental percebê-lo, os seus múltiplos mecanismos, as construções mentais. Não paralizá-lo, mas escutá-lo, fazendo-o assim findar.

O paraíso e o inferno são criações de mentes aturdidas. Somos nós que os transportamos connosco, sendo respectivamente a ausência e a existência de pensamentos.

Quando o pensamento termina, há morte e a visão daí resultante é renascimento, inocência, eternidade.

Quando a mente está despojada porque o pensador já não pensa, há tranquilidade, há paz. Quando está silenciosa, pode então penetrar num mundo que em muito a excede.

Na origem não temos pensamentos. O estado que os separa é quietude, silêncio. O silêncio é um estado que transcende a palavra e o pensamento, é a eterna eloquência.

Faz falta conhecer e não pensar. Ficar tranquilo quer dizer não pensar.

O estado de vigilância permanente não é fácil. É algo que se vai construindo até que se torne numa actividade mecânica como o respirar. No princípio pode parecer uma tarefa espinhosa. Mas é com um espinho, que da carne se retira outro espinho, e quando este for extraído, rejeitam-se os dois.

Estamos habituados a divagar mantendo a mente ocupada com ninharias, obsessões, fantasias, projectos e recriminações, sem que tenhamos viva consciência disso. Essa turbulência mental envenena a nossa existência, mas nada fazemos para a fazer cessar, bem pelo contrário, alimentamo-la abundantemente como fazemos com o fogo no Inverno rigoroso.

Autoconhecimento é caminho para um homem só, com as experiências em si vivenciadas. De nada nos servem as teorizações e interpretações alheias acerca do medo, do amor, do padecimento psicológico. É observação, e esta exclui juízos valorativos ou explicativos.

Observação na perspectiva do autoconhecimento implica vigilância constante de toda actividade mental e fisiológica perceptível. É uma escuta permanente dos estados afectivos e emocionais, dos gestos e atitudes, dos pensamentos e sensações que por si só, independentemente de esforço e resistência produzirão inevitavelmente transformações substanciais.

Somos quem somos e nessa descoberta fundamental que envolve o desvendar da estrutura da consciência e a percepção da efemeridade das nossas realizações, da frustração resultante da não satisfação dos desejos, dos caminhos do prazer e do sofrimento, estaremos a modificar-nos, sem saber que o fazemos ou sem querermos que tal aconteça.

A procura da diferença é já um obstáculo ao seu surgimento, porque o refreamento origina um problema idêntico ou mais poderoso do que aquele que se pretende aniquilar. Querer ser diferente do que se é, é causa de dor.

Se compreendemos quem somos, levando esta investigação às últimas consequências, despontará a sabedoria e quem sabe o amor que é sensibilidade e paixão por tudo e por nada.

Há o conhecimento que incide sobre objectos do exterior e o que se debruça sobre os pensamentos, sentimentos e fenómenos vegetativos internos. Quando escuto o pensamento não necessito de ficcionar qualquer separação entre o *ego* e uma qualquer outra entidade, tal como o “*Eu superior*” a agir a título de observador. Observador e observado são uma única pessoa.

A introspecção, que é análise realizada pelo próprio indivíduo relativamente ao conteúdo da sua consciência, é pernicioso por separar o observador do observado. A análise decompõe o todo no que consideramos os seus elementos e destrói o indecomponível.

Só o ser é válido. O querer ser é ilusão. Precisamos apenas de escutar o que somos sem querer agir modificativamente, adequando-nos a uma qualquer imagem ideal do vir a ser.

Observando o que somos, não há querer ser e em consequência, não há contenda interior.

A constante vigilância dos nossos pensamentos, estados de ânimo, emoções, sentimentos, é uma forma de apaziguar a mente.

A ânsia de preenchimento é fonte de dor. A necessidade de ser preciso e perfeito é doentia. Apenas o hábito é passível de aperfeiçoamento. Ser o que não se é, é hipocrisia, fuga à realidade.

Se instante a instante nos estamos a conhecer observando-nos, surge a sensibilidade, nasce a bondade, sem que tenham importância os erros e culpas do passado. No instante presente, não há lugar para o passado, sob pena daquele ser destruído na sua essência. Na observação da mente é fundamental que o passado deixe de existir.

O autoconhecimento leva à quietude da mente, uma quietude sem motivo. Quanto mais quieta, mais se manifestam as camadas profundas da consciência, levando à compreensão total do nosso ser.

No autoconhecimento produtivo, em que a mente silencia as correntes do pensamento, a rememoração é espontânea, por ser a sua própria causa e estar isenta de condições, não havendo assim que provocar a anamnese.

Quem pelo autoconhecimento atingiu todas as camadas da sua consciência, leu o grande Livro da Vida, não lhe sendo exigível qualquer leitura de natureza psicológica.

A sabedoria não está no conhecimento acumulado em suportes físicos, nas vivências de outrem, mas no nosso interior e manifesta-se pela auto-observação continuada, que tem de atingir a consciência em todos os seus recantos, permitindo a livre expansão do material inconsciente, possível pela quietude que ocorre quando o pensamento cessa – *pela sua própria observação* –.

Psicologicamente não só é desnecessária como também perniciosa a acumulação de conhecimentos. Esta deve restringir-se aos aspectos técnicos da existência.

O homem deve libertar-se das preocupações. Quer pela escuta, quer pela solução ou resolução imediata do problema.

Precisamos escutar a verdade a respeito de nós próprios, percebendo todas as fugas que geramos, todas as ilusões, destruindo-as.

O autoconhecimento, ao conduzir-nos à profundidade do ser, destrói os deuses dos homens, as religiões, as filosofias, os partidarismos. Mostra a sua futilidade e origem, que se estriba no medo de estar só e da morte.

Leva à extinção dos condicionamentos. Esta, à liberdade, que por sua vez conduz à criação explosiva, a que só as crianças e os puros têm acesso.

Na percepção do pensamento e do seu movimento, deparamos com inúmeros estados emocionais negativos, tais como o ciúme, o ódio, a inveja, o egoísmo, a agressividade.

Abundam em nós a cólera, a maledicência, a ansiedade, a angústia, a contradição, a necessidade de poder, de prestígio, o exibicionismo.

O ciúme nasce quando alguém se interpõe entre nós e o objecto do nosso apego. Pode existir numa relação desfeita onde permanece o sentido de posse ou numa onde pensamos que o amor existe.

Para dissiparmos os estados negativos temos de os escutar atentamente no seu todo, sem esforço ou repressão.

Se no instante em que me encolerizo, torno agressivo, invejoso ou egoísta, percepciono o facto de forma total, instantânea e imediata, sem quaisquer reservas, numa mera constatação não valorativa, tais estados dissipam-se, são destruídos.

A nossa mente não se tornará lúcida enquanto não percebermos integralmente que estes estados são obstáculos à tranquilidade.

Medo, ódio e ciúme, parecem ter uma maior resistência à destruição do que a inveja. Esta desvanece-se de imediato logo que percepcionada na sua totalidade.

O desejo é um movimento emocional que se apodera da mente de um sujeito por atracção de um determinado objecto. É mais do que necessidade, já que admite de modo constante mecanismos substitutivos e tem a avidez de não se deixar saciar.

É em essência infinito e mesmo os que apregoam a sua destruição, desejam: o Reino dos Céus, o Nirvana.

Quanto maior o progresso, maior o número de desejos. Quanto maior o número de desejos, maior o sofrimento, enquanto não se satisfazem e depois de satisfeitos.

Os anseios não permitem que a paz se instale no nosso interior.

Só estamos bem onde não estamos, só queremos o que não temos. Satisfeito um apetite, logo partimos para novas necessidades e assim sucessivamente, sempre com o coração alvoraçado.

Não se pode terminar com os desejos sem mais, reprimindo-os. Só a escuta passiva os pode fazer cessar. Alguns – *os afectivos* – são mais prementes e quando têm uma componente orgânica, são extremamente insistentes.

Olho para uma mulher. Contemplo um rosto, lábios carnudos, olhos rasgados de longas pestanas, um sorriso aberto de dentes alvos contrastando com o negro dos cabelos, seios firmes, linhas onduladas e insinuantes de corpo em gracioso movimento.

Esta a resposta sensorial ao objecto da visão, o que é perfeitamente natural.

Depois entra em acção o pensamento. Imagino-me com ela, beijando-a, acariciando-a, consumando o acto.

É assim que floresce o desejo, impulso premente, em regra prazer originário da actividade mental.

Dizem que temos de nos libertar dele, controlando-o ou destruindo-o. Mas quanto maior o esforço nessa direcção mais o consolidamos. Vejam as inglórias práticas de sacerdotes e monges, que acabam por aniquilar a beleza, o amor, reforçando os pensamentos “obscenos” e favorecendo práticas “aberrantes”.

Há que escutar e compreender o desejo seja ele qual for, vê-lo nascer, crescer, sem o procurar dominar ou reprimir.

Observá-lo como quem observa um pôr-do-sol, uma flor, sem recurso a comparações, ao conteúdo da memória, ao pensamento.

Aí, ficamos de novo com a resposta sensorial de que falámos, com uma sensação intensa e apaixonada, onde não há ansiedade, ciúme, sentimento de perda ou dependência.

Desejo e amor caminham de costas voltadas um para o outro.

Não ter ambições nem desejos é um modo de solidão e solidariedade.

Se morremos para o passado sem pretender a repetição de experiências agradáveis haverá júbilo nos nossos corações.

Apesar de insatisfeito já não desejo nada ou quando desejo não sei o que desejo.

Não busco nada e quando busco não sei o que busco.

O apego é a convicção de que sem certos bens ou pessoas seremos irremediavelmente infelizes. Resulta sempre em infelicidade, imediata ou diferida, logo após o prazer que proporciona.

Deriva de falsas premissas:

- A convicção de que a nossa felicidade depende de outrem;
- De que não podemos usufruir o seu objecto sem que estejamos intimamente dependentes;
- De que é insubstituível.

O apego é desejo firmado ou consolidado.

Uma determinada experiência com as suas respostas sensoriais leva ao desejo. Este ao prazer que se consolida em apego por via das sensações de segurança e de realização.

Mais tarde ou mais cedo surge a insatisfação, o tédio, com novas experiências, novos desejos e assim sucessivamente.

A um período de realização segue-se em regra, o ciúme, o sentimento de posse, a obsessão, o sofrimento, o desinteresse, o ódio.

A família e os bens materiais que possuímos, as crenças e a nossa vida são os mais perigosos e insistentes apegos.

Precisamos compreender a sua natureza contraditória. Numa das faces, o prazer, o júbilo, a paz, a segurança, o “amor”, na outra, a dor, a tristeza, a angústia, a insegurança, o medo, a inveja, o ciúme e o ódio.

Apego é corrupção no sentido mais profundo do termo. Ao percebermos a sua essência e significado, e o obstáculo que constitui para o nosso crescimento, abandoná-lo-emos numa indiferença afectiva.

Não os aceitemos nem os neguemos. Limitemo-nos a ser carinhosamente indiferentes. Esta indiferença não nos afastará do caminho que traçamos instante por instante. Somos livres para prosseguir como as aves que cruzam os céus, como o capitão dum navio sem rumo e destino no alto mar.

O sofrimento estrutura-se no apego.

Se o “eu”, o “meu”, a “minha” desaparecem, surge a libertação.

Purificar o espírito de apegos e aversões conduz à paz, ao Absoluto, ao Amor.

No momento em que se instala um desejo ou se consolida um apego, a sensibilidade extingue-se e a vida no seu aspecto integral, com a beleza de cada ser e coisa, morre.

Quando se destrói um apego, não se destrói o amor por determinada pessoa. Pelo contrário este pode crescer e ainda ficamos disponíveis para amar tudo e todos, sem dor ou insegurança.

Ou acedemos ao amor, ou ficamos com os nossos apegos. Ninguém pode amar se se mantém psicologicamente ligado, seja ao que for.

Sem apegos não temeremos morrer. Não teremos medo da vida, que fluirá como o rio de águas cristalinas para o oceano.

Há o tempo cronológico, o tempo medido pelos relógios. Há também o tempo psicológico, que é uma ilusão, que pactua com um qualquer vir a ser sem existência autónoma.

Por causa dele, vivemos no futuro, aguardando transformações, melhores oportunidades, uma vida sem dor. Mas a felicidade não é uma dádiva do tempo, antes do silêncio da mente que não é obtido gradualmente por intermédio de qualquer método. Esse silêncio é instantâneo, imediato, e é inimigo do tempo, porque o faz findar.

Nem todo o fenómeno tem causa. A causalidade participa do tempo. Na ausência deste, aquela inexistente e é perceptível a eternidade.

Eterno é o que dura desde sempre e perdurará até ao infinito, que é o que não tem limites.

É uma existência sem começo nem fim, infinitude do tempo linear ou curvo e cíclico. Se se quiser, a intemporalidade absoluta reconhecida no instante que não é passado, presente ou futuro.

Pela memória recuamos ao passado.

O eterno agora não é experimentado como o que passa, mas como algo que é desde sempre e o será no porvir.

Onde há silêncio não há passado, presente ou futuro, não há tempo. Na atenção não há tempo, mas um estado de acção altamente sensível na sua intemporalidade.

A nossa existência é enformada por múltiplos medos. Medo das doenças, da dor, da pobreza, de perder os entes queridos, de não ter prestígio, de não encontrar um sentido para a vida, medo de estar só, medo das multidões, de exames, de entrevistas, de não agradar, da guerra, de ter um acidente, de morrer e o medo do próprio medo.

Temos medo de perder o que temos e deixar de ser quem somos. Em bom rigor, não tememos o desconhecido, mas a perda do conhecido.

A aprendizagem acerca do medo é obtida através da auto-observação, não de estudos psicológicos ou das experiências pessoais de alguns.

Descobrir a causalidade não nos livra dele. Sabemos que reagimos de uma determinada forma a um certo objecto ou situação, mas a revelação do incidente traumático não resolve o problema, pode minimizá-lo por intermédio da racionalização, mas não o extingue.

Só a sua observação sem recurso ao pensamento o pode fazer cessar.

Temos de o escutar em todas as suas peculiaridades sem o comparar ou interpretar, alheios ao fenómeno do tempo.

O medo desabrocha no espaço que medeia entre o viver e o morrer e só tem existência nessa continuidade que é pensamento.

Onde não há pensamento, não há padecimento, não há medo, não há morte, antes um viver ágil e intenso que não tem móbil ou justificação.

Pensar no medo é nutri-lo, fortalecê-lo, consolidá-lo, enquanto que a pura observação do seu curso o faz findar.

Há que o olhar em liberdade, sem a contaminação do pensamento e da memória, com as suas experiências passadas.

Observar o sofrimento, o medo, ou qualquer problema é fazê-lo cessar, e no seu findar está o Amor de amplo seio.

As nossas vidas estão vazias de paz e de amor e plenas de tormentos. Um sofrimento psicológico atroz que consome todas as nossas energias.

Onde há apego nasce o sofrimento. Onde há sofrimento não pode existir afeição e amor.

O sofrimento é causado pela actividade mental. O sofrimento é pensamento. Pensamento que julga ou compara.

Aquilo que é, não é fonte de prazer ou de dor. É apenas como o gato que dormita ao sol e a flor que recebe o orvalho matinal.

A ambição, a ânsia de prestígio, geram o sofrimento. Não nos deixam ser. Agitam-nos, inquietam-nos e impulsionam-nos para a contradição do vir a ser. Só aquele que é, vive. O que quer ser algo fica enredado nas malhas da dor.

A paz não pode florir enquanto vicejarem os nossos condicionamentos. Somos o resultado de séculos de restrições e conceptualização ético-religiosa, da educação que recebemos, de normas sócio-jurídicas, das nossas experiências. Enquanto os condicionamentos não forem destruídos a felicidade não se pode manifestar, já que a existência daqueles é causa determinante do sofrimento psicológico.

Se escutarmos o penar em que estamos sem o comparar com factos passados, sem o interpretar, não o aceitando ou negando, acabará por desaparecer. O autoconhecimento dissipa-o.

Ouvir o sofrimento é levá-lo às últimas consequências, deixar que se manifeste na sua totalidade, não cerceando o seu movimento mental próprio, as questões e conclusões a que conduz.

Se lhe estivermos atentos, ou seja, se o olharmos integralmente em toda a sua complexidade sem que o pensamento se imiscua nessa atitude, percebemos que esse sofrimento é criado e sentido por nós, que não é

diferente de nós, e sem que o queiramos reprimir, dominar ou controlar, ele cessa, surgindo a paz, o amor, a sabedoria.

É fundamental ouvi-lo, compreendendo a efemeridade da sua existência, que depende apenas do pensamento, suas manhas e artifícios.

Sejam quais forem as decepções a que fomos sujeitos devemos saber morrer inteiramente para as mesmas. Para viver é necessário morrer. No renascer está a paixão, o amor.

Se o compreendo e o pensamento não sabe que observo a flor e suas pétalas rosadas, as folhas verdes salpicadas de orvalho, há tranquilidade.

Também a dor física deve ser cuidadosamente escutada sem que o pensamento interfira. O envolvimento psicológico com a sua intensidade, localização e desconforto apenas a fará agravar.

A alegria é uma emoção agradável, estado de satisfação mais ou menos duradouro. A felicidade tem uma permanência que a ultrapassa.

A felicidade não é a satisfação de todas as nossas inclinações. Estas, ou os desejos são infinitas.

A beatitude é um estado de felicidade em que qualquer perturbação não é inquietante, em que a sensação do indeterminado não é angustiante.

No êxtase não patológico, não há imobilidade e aniquilação das funções de relação.

Lembro-me com constância de um episódio ocorrido na Serra da Estrela, onde vivi durante duas dezenas de anos.

O Sol matutino ainda doirava as pedras graníticas e resplandecia na vegetação rasteira salpicada de orvalho. Conduzia com lentidão o veículo todo o terreno por um caminho de terra, a cerca de 1500 metros de altitude, dirigindo-me para a “Santinha”. A atmosfera estava extraordinariamente límpida, como consequência do pequeno nevão da noite anterior. A Nascente, sucediam-se até ao horizonte longínquas montanhas e serranias, num espectáculo deslumbrante, enquanto que a Poente, a terra chã se estendia languidamente até ao mar, oculto pela lonjura. Chegámos ao Malhão e o João Pestinha agitou-se, fez menção de sair do jipe. Parei o veículo e o meu amigo de quatro patas saltou imediatamente, começando a correr em linha recta, mas sem destino ou objectivo. As suas patas

pareciam não tocar o solo, e os movimentos do seu corpo em harmonia perfeita com o meio envolvente, não eram deste mundo. Havia beleza e unidade, um sentimento de vastidão e plenitude que transcendia todo o conhecido. O êxtase foi-me comunicado, e com ele, uma viva e energizante percepção da realidade que parecia infundável.

Este mundo é um poço de infelicidade, de que a maior parte das vezes nem sequer temos consciência.

Estamos mergulhados na dor, ansiedade, desejos e medos que paradoxalmente tememos perder por ser a única realidade que conhecemos.

Só conhecemos um tipo de paz: a que surge esporadicamente após desassossego emocional. E mesmo esta é relativa. Depois da tempestade o sentido da bonança é exaltado, na extinção total ou parcial da dor há um prazer sobrevalorizado.

Vivemos na ilusão de que necessitamos dos outros e da sua aprovação para sermos felizes. A felicidade não advém de qualquer relação, mas do nosso interior.

Está em nós. Procurá-la no meio envolvente é o mesmo que pescar num lago seco. As mudanças de situação e a satisfação dos desejos são panaceias temporárias.

Está no que sou, não no que tenho ou no que quero vir a ser. Somos quem somos, e se virmos quem somos a espiritualidade manifesta-se e inicia-se uma modificação radical e sem esforço do que é.

É bom viver sem mais. Não querer nada, não querer ser nada.

A ataraxia, tranquilidade do espírito, não deriva do conhecimento ou do esforço para atingir a sabedoria. Deriva da ausência de pensamento.

Há felicidade quando nos começamos a conhecer, quer superficialmente quer nas camadas mais profundas da consciência.

Não é por ter pensamentos felizes que somos felizes. A felicidade só existe quando não pensamos nisso.

Há uma verdadeira desventura no desejo de ser feliz.

Ter paz significa livrar a mente de todo o pensamento, conduzindo-a ao estado de consciência pura.

A paz que houver em ti transmite-se aos que te rodeiam.

“No dia em que se sentir feliz sem nenhuma razão aparente, no dia em que sentir prazer em tudo e em nada saberá que encontrou a terra da alegria interminável, chamada Reino” (Anthony de Mello).

O nosso cérebro está contaminado pela educação, religiões, autoridades políticas, administrativas e judiciárias, pelos conhecimentos que vamos acumulando na mira da perfeição. No entanto, não é ela visível no horizonte. Há apenas um mar de limitações na direcção da miragem do infinito. Como somos tolos e incapazes não obstante pisemos altivamente a rosa-dos-ventos na margem do rio, invocando descobrimentos, explorações, vitórias bélicas. A história da humanidade é um desfile de agressões, crueldades, mais guerras do que anos, hipocrisias, cinismo, falsa modéstia, autocaridade, corrupção, aproveitamento próprio, salpicada de breves e esporádicos momentos de verdadeira compaixão, em que alguns homens, raros como parece convir a este planeta de predadores, purificados da avidez, da inveja e da ambição, souberam na plenitude do auto-esquecimento espontâneo, derramar indiscriminada e gratuitamente o seu olhar nos outros.

Pelo cérebro reflectimos, reconhecemos o prazer e o sofrimento, a morte e a vida, vemos o mundo como um outro relativamente a nós, o que implica o reconhecimento de cada um como “eu”. Pelo cérebro, extorquimos, matamos, violamos, mentimos, enganamos. Pelo cérebro, damos esmolas, acarinhámos os necessitados. Pelo cérebro construímos hospitais, abrigos, tanques, bombas e escolas. Pelo cérebro estamos. Pelo cérebro somos; nós, apenas nós, inseguros, indefesos fóbicos de neuroses ancestrais. Por isso, somos isso, que nem isso é, por não sabermos quem somos. Só quando não somos, somos todas as coisas. Quando não somos, o embrião da vigilância estremece, desperta, fica alerta.

Esta vigilância passa pelo renascer dos sentidos para uma existência intensa, visão purificada das coisas, escutar límpido dos sons e do silêncio, na ausência possível do intelecto. Mesmo que a filosofia seja um acto de pesquisa desinteressada, liberto da tradição, de qualquer crença, de qualquer ideia e costume, não deixa de conter em si as limitações do seu único guia que é a razão e da própria matéria; o pensamento é matéria e nós transformamo-lo no que queremos, coisa horrenda ou bela, justa ou imoral, feliz ou sofrível, verdade ou não. O homem pode procurar a verdade para além das aparências, do estabelecido, mas quanto mais energia consome

nessa busca, mais longe fica do objectivo. É como uma embarcação a navegar num planeta onde não haja em nenhum dos seus pontos terra ou algo que não seja oceano; nunca encontra destino, ainda que defina meticulosamente um rumo ou percorra todos os possíveis. Muitos são os candidatos a capitanear esta nau pelas águas da desesperança, por tormentos nunca sonhados, mas a ilusão aniquila a realidade e o desejo a verdade, que é só uma: não há caminho... não há caminho...

Será que o pensamento é mais excelente do que os sentidos? Será que os seus objectos são mais reais do que os da percepção?

Precisamos desenvolver os nossos sentidos. A audição e o tacto como se fossemos cegos, a visão como surdos, o olfacto, o paladar.

Têm de ser desenvolvidos no seu conjunto, como um todo, para poderem penetrar em profundidade o mundo interior e exterior.

Não há método ou regras para tal. O desenvolvimento é fruto duma contínua e cuidada observação e prática.

Sem excitação, melancolia, entusiasmo, numa indiferença contemplativa que não é apatia, os sentidos cumprem rigorosamente as funções para que estão destinados.

Quando se observa instantânea e apaixonadamente, o espaço-tempo entra em derrocada.

Quando não há pensamento e os sentidos estão plenamente actuantes, há beleza, cuja essência íntima não admite contraste.

Os sentidos precedem o intelecto. “Nada está no intelecto que não tenha estado primeiro nos sentidos, a não ser o próprio intelecto”.

É essencial terminar com todos os hábitos que afectam o corpo e entorpecem os sentidos. Não devemos permitir que o pensamento exerça sobre estes uma acção obnubiladora.

Se os sentidos estão plenamente actuantes e o cérebro atingiu a quietude pela consciência de si próprio, a observação é clara e límpida; não deturpa ou distorce a realidade.

O pedaço de corda é real, mas a serpente que vemos ao crepúsculo no seu lugar é irreal.

Para além do pensamento devemos escutar as sensações que provêm do mundo exterior, as impressões sensoriais resultantes das funções vegetativas e os murmúrios do corpo: a dor de cabeça, a impressão no estômago, a taquicardia que se instala, a ansiedade que se aloja no plexo solar.

A sensação deriva de uma excitação fisiológica.

A sensibilidade é em definição corrente, a capacidade do sistema nervoso em receber impressões do exterior, podendo ou não reagir-lhes.

O nosso cérebro encontra-se permanentemente ocupado. Quando trabalhamos ou estudamos, o que é perfeitamente natural, e nos momentos de lazer, com projecções, fantasias, medos, sentimentos negativos e mesquinhos.

Quando estamos livres psicologicamente, com o cérebro desimpedido de compulsões e pensamentos parasitas relativos ao passado ou ao futuro, vemos a realidade, o que ocorre momento a momento. E dessa liberdade, desse não pensar surge a beleza.

Precisamos de um cérebro lúcido, vivo. Para isso concorre a observação com o concomitante desenvolvimento dos sentidos, a percepção não interpretativa do desespero, da angústia, do desejo, em suma do sofrimento.

A percepção situa-se entre a sensação e o conhecimento. Saio à rua no Inverno com temperatura negativa e ventos fortes. Tenho a imediata sensação do frio. A esta sucede-se a percepção do facto de que tenho frio. Depois vem o conhecimento de que estou na Estação mais fria do ano, que os cumes da serra estão gelados, e como tal, o ar frio desce à terra chã, onde os ventos vindos de Espanha fazem o frio parecer mais frio.

Observação não é contemplação, entendida como capacidade de provocar o esquecimento da individualidade e do mundo, por efeito da absorção continuada e diligente do espírito no seu objecto.

Quando vemos alguém ou alguma coisa, memorizamos essa imagem, normalmente carregada de juízos de valor ou desvalor.

O pinheiro do meu jardim é alto, imponente, com um tronco grosso e bem torneado. A casa, a mulher, os filhos, os conhecidos, tudo o que tocamos, de todos formamos imagens. Passo pelo pinheiro, olho a minha casa, a minha mulher, já não os vejo como são nesse preciso momento, mas antes a imagem que deles tenho ainda que ligeiramente alterada por qualquer circunstância chamativa.

Olhar as coisas, recorrendo mentalmente a comparações, inviabiliza a contemplação.

“Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.”

A lagoa que agora observo tem o seu ser próprio independente de todas as outras que conheço. Para a contemplar plenamente tenho de morrer para as imagens que dela retive noutros momentos e para as de outras lagoas que porventura já tenha visto, porque é nova, sempre nova, a cada instante.

Se pretendermos reter em memória o prazer do que vemos, escutamos, sentimos, acabamos por multiplicar os desejos. A vontade de repetir um prazer gera ansiedade, sofrimento.

Quando damos nome a uma coisa, não a definimos, muito menos descortinamos a sua essência, que é o que faz que um ser ou objecto sejam uma coisa e não outra diversa ou semelhante.

As palavras não são as coisas. Porventura, não terão um significado, mas vários usos.

A palavra rotula o que vemos e faz com que os acontecimentos e circunstâncias da vida quotidiana não sejam originais e extraordinários. Ver não é formar juízos ou opiniões, analisar, imaginar ou interpretar; ver é observar sem que se recorra ao pensamento destruidor, é galgar as barreiras do espaço-tempo de um modo espontâneo e instantâneo, que nunca se reitera para que o novel possa florir e frutificar em cada momento.

A observação é pura percepção e exclui qualquer tipo de raciocínio, análise ou dedução lógica. Exclui a “visão” que se estrutura num sistema filosófico, numa crença, em experiências passadas, pressupõe liberdade e inocência, morte e renascimento, é acção imediata.

Quando interpretamos o que vemos, deixamos de ver o que é, para vermos o que os nossos condicionamentos e experiências passadas querem ou permitem ver. Em vez do novo, observamos o velho modificado.

No ver somente, na percepção pura que não envolve o pensamento, não há continuidade. Na inexistência desta, não há sofrimento, há amor.

Ver alguém ou alguma coisa no momento presente é morrer para todas as ideias e imagens que possamos ter guardado em memória referentes a esse alguém ou coisa.

É não contagiar o objecto da visão.

Morrer para o passado é também morrer para os sentimentos de culpa, para a vergonha de actos pretéritos, para os medos e ilusões.

É começar sempre de novo, imaculadamente.

A aprendizagem psicológica não passa pelo estudo de livros, pela troca de conhecimentos, mas pela observação dos nossos pensamentos e acções.

Não é isso que fazemos. Somos cidadãos de segunda sempre dispostos a redizer, a citar as autoridades na matéria, incapazes de aprender a partir do nosso espírito.

Não nos esforçamos seriamente viajando no mais recôndito do nosso ser. Aproveitamos as viagens dos outros, que na maior parte das vezes se limitaram a viajar em viagens alheias e assim sucessivamente.

Quando observamos o pensamento e o seu movimento, numa vigilância passiva, sem condenar, justificar, interpretar, sem fugir dele recalçando-o ou sublimando-o, este tende a parar.

E, nesse estado de escuta passiva, se observamos o que nos rodeia, sem a sua contaminação, transcendemos o espaço-tempo, porque só existe o instante, o agora.

É o pensamento que cria o “eu”. Sem pensamento não há pensador, observador, só a coisa observada na sua pureza incontaminada.

Na observação pura e simples do que é, não há lugar para a ambição, para o vir a ser.

A observação da vida é feita de forma global, porque ela é uma e indivisível.

A observação parcial, que é concentração, distorce a realidade, distorce a sua essência e vitalidade e induz-nos em erro.

Estar atento é estar com o que é, compreendendo a realidade sempre nova, sem recurso ao pensamento.

Atenção, no sentido que lhe damos, não é concentração que incide sobre um objecto, pessoa ou coisa. Não é percepção tendente ao conhecimento do particular.

Intuir, é perceber de imediato a essência das coisas que nos são exteriores ou que constituem o conteúdo da consciência.

Despidos de imagens, preconceitos, ideias, podemos experimentar e entender o novo.

Quando há atenção, não há eu, nem o outro, não há observador e objecto observado, porque o pensamento se dissipa.

Se realmente atentos, o pensamento cessa.

Observamos um milhafre na sua caçada implacável, o voo gracioso de uma ave, o olhar terno de uma criança, a passagem de um comboio na gare, um deslumbrante pôr-do-sol e ficamos apenas com o facto. Compreendemos o que se está a passar imediatamente. Não há pensamento, mas compreendemos. O cérebro está tranquilo, sem tagarelar, pleno de energia, e entende sem pensar.

O mesmo se passa com qualquer problema. O entendimento é libertador.

Concentração é esforço dirigido. É a tentativa de aquietar a mente com as suas inúmeras tagarelices, pela repressão e pela violência.

É conflito, na medida em que tentamos iludir a distração que retorna sempre, de forma mais ou menos insistente.

Estar atento, ao contrário, não é esforçar-se nem usar desnecessariamente a memória, esgotando o cérebro, extirpando-lhe a vitalidade e energia tão necessárias à existência quotidiana. É poisar a mente, os sentidos sobre nós e tudo o que nos circunda, é vigilância passiva integral.

Na atenção há liberdade. Não há juízos ou pré-determinações acerca de nós ou dos outros. Há quietude, pois o pensamento tende a parar espontaneamente.

Não há um método para se ficar atento.

É um intenso saber olhar, escutar, sentir, que se constrói imperceptivelmente, jornada após jornada.

Vou no combóio. Estou atento às sensações corporais, à conversa dos passageiros ao meu lado e ao rumor da fala dos mais afastados, ao ruído das rodas que deslizam nos carris, ao deslocamento do vento. Vejo as hortas, as árvores, os túneis, as casas, as pessoas e seu afã, a névoa que abraça os vales, os animais que pastam. Estou sensível aos balanços e impressões que corporalmente me causam, à alteração dos sons, ao apito, aos múltiplos verdes e ocres, às nuvens escuras no céu, às gotas de chuva na janela. Observo as expressões dos outros viajantes e os meus pensamentos quando surgem.

Que quietude advém de tudo isto.

E quanto maior a atenção, maior a quietude.

Meditar não é cumprir um programa espiritual, não se compadece com retiros, não tem horas marcadas. Não é um procedimento racional que visa atingir uma verdade específica. É atenção global e constante de todas as ocasiões sejam elas quais forem.

Implica solidão, a libertação do conhecido, a extinção da dor, para que o novo, o desconhecido surja.

As disciplinas meditacionais são torturantes e como todo o esforço para vir a ser, só produzem mais dor, mais intranquilidade, insatisfação e insegurança.

A actividade ascética, como modo de renúncia e supressão dos nossos instintos e desejos, austeridade forçada pela vontade, é perniciosa, destruindo o espírito, a beleza e o amor.

A meditação começa com o autoconhecimento. Temos de observar todos os nossos pensamentos, emoções, sentimentos. Esta vigilância levará ao silêncio. Neste, o inconsciente projecta sugestões, carências, o que conduz ao conhecimento do indivíduo na sua integralidade.

Para além de pressupor autoconhecimento, pressupõe também isenção de condicionamentos. A observação do pensamento, de todos os seus subtis movimentos e de tudo o que nos rodeia, sem comparação ou julgamento.

Não implica controlo, mas atenção, que não desvirtua a realidade do que é observado.

Meditar é ver, ouvir, sentir, cheirar, saborear as coisas como elas são. Meditar é atenção global, não é concentração, fruto de exercícios mentais obnubiladores.

Ouçoo o canto dos pássaros, o vento na vegetação, a água corrente, os que me falam, vejo as nuvens no céu, o despontar do Sol, o brilho das pedras humedecidas pelo orvalho da manhã, os rostos dos camponeses. Observo os meus pensamentos e toda a minha consciência descendo até aos mais recônditos e obscuros lugares. Saboreio os frutos e demais alimentos, inalo os mais variados aromas.

Sentir o vento, a chuva e o sol no rosto e nas espáduas no seio da natureza sem o alvoroço do raciocínio é meditação.

Tudo de uma vez só, de forma total, como a própria vida.

Com esta atenção vigilante, que é sensibilidade à existência, o pensamento silencia-se.

Não é fácil observar continuamente.

A meditação é a única coisa que vale a pena se é com ela que termina o sofrimento.

A morte psicológica é uma experiência fantástica. E o renascer algo de mais fantástico ainda.

Quando meditamos, a ausência da sucessão de pensamentos libera uma imensa energia explosiva e criadora porque não está alicerçada no passado.

As forças do universo concentram-se no silêncio quando o pensamento cessa. Uma existência sem causalidade ou propósito, identificando-se com a do próprio cosmos.

É pela meditação, pela observação pura e simples, que podemos descobrir o que está para além do pensamento, do espaço-tempo. É o único modo.

A razão só tem tornado complexo o que é simples ao amontoar século a século teorias e doutrinas contraditórias e paradoxais.

A paixão pressupõe uma mente quieta, atenta e sensível, vigorosamente sensível a tudo o que a rodeia.

É sensibilidade e intensa afeição que não se apega nem tem qualquer motivação particular.

É com paixão que temos de ver o rosto dos transeuntes, a beleza dum vale verdejante, de uma árvore, de uma flor, uma rua suja na cidade grande.

Paixão e amor caminham de mãos dadas, ausentes do pensamento.

Há momentos da nossa existência, em que a contemplação de um pico nevado, de uma torrente de águas cristalinas, de um rosto de criança produz a ausência do “eu”.

Nesse estado de quietude onde se transcende o conhecido para absorver o sempre novo, há sensibilidade, beleza.

Para que esta se manifeste não podemos existir como individualidade.

O “eu” é um agente infeccioso, uma doença que se transmite ao que observamos contaminando a sua essência.

Quando olhamos uma árvore, uma flor, sem a presença do “eu”, libertamo-nos das teias do espaço-tempo e penetramos na eternidade.

A vida é beleza e amor. Não tem sentido, finalidade. Tem de ser vivida instante a instante, em absoluta plenitude.

R

ecalcar ou sublimar os desejos é negar a beleza.

Se mantivermos uma ligação íntima com a natureza, percebemos que o poente real ou o brilho da Lua dispensam qualquer obra de arte produto do pensamento por mais valiosa e bem executada que seja.

Chove lá fora. O vento com rajadas violentas fustiga as portadas, transportando as gotas de chuva a uma velocidade impressionante. O som do embate é um crepitar metálico.

A intensidade da tempestade varia. As previsões são más, os serviços meteorológicos e a protecção civil advertem para uma madrugada de tormenta.

Não ouço o vento e a chuva, nem vejo a beleza do temporal. O meu pensamento absorve-me. Receio que a água inunde o sótão, que qualquer objecto impulsionado pelos ares parta as vidraças, que as telhas possam ser arrancadas. Temo a calamidade, a destruição parcial da casa.

Cada rajada é uma aflição, cada bâtega de água é angustiante.

Este medo que não é verdadeiramente real, que é pensamento, não me permite observar a tempestade tal qual é.

Ao perceber o mecanismo do pensamento, o cérebro silenciou e o vento e a chuva deixaram gradualmente de ser temor e ansiedade para serem chuva e vento em toda a sua plenitude e beleza.

Na mais frágil das flores, está o poder e energia, a beleza e o amor, de todo o universo.

Não pode haver beleza onde há padecimento psicológico ou medo.
Para que haja beleza o pensamento tem de findar.

São tantos os sentimentos para que a palavra amor remete, que acabamos por nos perder: paternal, filial, matrimonial, à pátria, próprio, do próximo, sexual...

O amor é sensibilidade e paixão, que incide sobre pessoas e coisas, observadas como são, indiscriminadamente, de forma espontânea e gratuita.

Não é exclusão.

É uma benção derramada sobre a totalidade da vida, nascida do silêncio, sem os limites do espaço-tempo.

É ser feliz, mesmo sem o concurso dos outros.

Liberta-os para que sejam quem querem ser, para serem quem são.

Liberta-te para seres quem és.

Ama e sê quem és. O amor dispensa os preceitos éticos.

O amor e a paz estão em nós. De nada serve procurá-los no exterior. Se removermos tudo o que não é amor e paz, estes manifestar-se-ão.

Na ausência do amor há sofrimento.

Quando o pensamento termina, o sofrimento cessa e aparece o amor, aquele estado indescritível que nada pede ou exige.

Uma mente pacífica, isenta de pensamentos, é o substracto do amor, que tal como o Absoluto não pode ser procurado.

A nossa civilização criou conceitos irreais e ilusórios de amor, fruto da actividade mental. Nesta perspectiva ele é prazer, desejo, medo, ódio, ciúme, posse, ambição, apego, dominação, uma longa e pesada cadeia de argolas de aço que em vez de unir, dividem. É a angústia, o iminente sentimento de perda da aquisição passageira. É triste e contente, extasiante e depressivo, riso e lágrimas, memória do bom e do mau, do agradável e do desagradável. Na maior parte das vezes, dor psicológica.

O amor, que é espontâneo, gratuito, indiscriminado, que não tem qualquer motivo, que não é desejo ou prazer fruto do pensamento, não pode coexistir com o sofrimento. Onde há sofrimento, não está a verdade, a beleza e o amor, que não é supremo ou terreno – *mais uma das múltiplas divisões da mente* –.

Se procurarmos o amor, não o encontraremos. A procura transforma-se em impaciência, inquietude, insatisfação e ansiedade, que são barreiras ao objectivo proposto.

Temos de observar tudo o que não é amor, o ciúme, o ódio, a ambição, os apegos, e por esta via provocar sem esforço a extinção destes estados negativos.

Para atingirmos a paz e o amor temos de compreender totalmente o sofrimento psicológico e o medo.

Quer a paz quer o amor, são estados indefiníveis, espontâneos e gratuitos, que nascem da dissolução de tudo o que a eles se opõe.

Derramar um olhar límpido sobre as coisas, como quem afaga os caracóis de uma criança, ver o já visto como se nunca o tivesse visto, escutar a sinfonia da vida como um recém-nascido, é inocência, amor que desconhece o objecto e o próprio amar. É um sorriso amplo, inefável e contente, inconsciente da felicidade e do gesto que o manifesta.

Da quietude da mente nasce o amor.

Por vezes, basta-nos olhar a face de uma criança, de uma mulher, o sofrimento de um moribundo, o pôr-do-sol, as águas azuis do oceano, a forma e o colorido das nuvens no céu, o animal que acariciamos.

O amor deve existir sem contrapartida.

Uma árvore, um animal, um rosto, um corpo. O acto sexual não é em regra amor. E, não o é, enquanto fruto do desejo, que é continuidade, pensamento. O sexo é sensibilidade, no sentido de sensualidade. É prazer.

Pode e não ser amor. Pensar nele é volúpia, sensualidade. Praticá-lo de forma espontânea, intensamente, com paixão, no esquecimento de si como individualidade e na plenitude do infinito e da eternidade dum cérebro silencioso, é amor.

Transformámos o sexo num problema imenso. No entanto, o problema não reside propriamente no acto, mas no pensamento que o alimenta.

Onde há pensamento não pode haver amor e neste não há dualidade, há liberdade e comunhão com o objecto amado.

O amor não é prazer, nem sofrimento, não é pensamento. É um sentir intenso, apaixonado, sem pretensões. Nele não há posse, domínio ou contrapartida.

Há a acção que é cessação da inércia, com o consequente dispêndio de energia. Mas há uma acção, que não envolve tal dispêndio. É a que decorre da quietude da mente.

A acção praticada com amor, gratuitamente, sem outra determinação que não a sua realização, tem uma energia tal, que nos permite e quase impõe, a sua conversão numa lei universal. Talvez a única a erigir como solitário princípio de uma ética cósmica.

Morte e amor estão interminavelmente ligados. Morrendo para o passado, nascemos para a vida eterna.

“O amor é forte como a morte”.

Para amar temos de morrer para as impressões e imagens que armazenámos na mente.

Não tememos a morte. Tememos sim, perder o que temos e deixar de ser quem somos. Não é o desconhecido que nos amedronta, mas a perda do conhecido.

Não queremos morrer. Queremos atingir Deus, o topo da carreira profissional, a paz, mais prazer, um estado de felicidade estável, ver os filhos criados, os nossos em segurança. Não queremos perder a individualidade, ver o *ego* ser sujeito à extinção.

Numa perspectiva meramente materialista, a morte acarreta o aniquilamento da individualidade, mas não forçosamente, da matéria corporal que se dissolve, transforma e regenera, em novos ciclos vitais.

A maior parte do mundo vive negando-a ou por ela aterrorizado. No entanto, tudo caminha nessa direcção, a maior das certezas.

O ser humano confrontado com a sua morte, recusa-a, revolta-se, faz acordos absurdos com Deus, deprime-se, aceita-a...

Teme a dor física crescente, o sofrimento psicológico, a indignidade, a separação do seu universo afectivo e material. Pede prazo para dar à vida um sentido que desconhece e que nunca cumpriu ou tentou cumprir.

A observação do que é, dum problema, do desejo, do sofrimento, do medo da morte, faz com que deixem de existir.

Os mortos não choram, são os sobreviventes que os choram ou se choram a si mesmos.

A morte não existe para o ribeiro de montanha que seca no Verão quente quando já não há neve para o alimentar.

As águas correm continuamente para o oceano e deste para os céus e dos céus para os montes e vales e para elas não há morte porque se limitam a ser, a fluir.

O sono profundo é uma morte temporária. A morte um sono prolongado que mergulha no nada absoluto.

Quando o sangue deixa de correr no corpo e o cérebro se cala definitivamente, o conhecido acaba e começa o novo.

A vida renova-se com a morte.

Para viver precisamos morrer.

Morte e vida são a mesma face da mesma moeda.

Quando morremos para o conteúdo da memória, para o passado, para os nossos pensamentos, em suma, para o “eu”, somos introduzidos na criação e renovação, no mistério da morte.

Se de instante a instante morremos para os acontecimentos quotidianos, para o ódio, o ciúme, e outros estados negativos, para o prazer e o sofrimento, para os problemas que nos afligem, para o que contemplamos, estaremos em contacto directo com a morte.

Com a cessação do pensamento há purificação, alegria, inocência. A morte do velho traz o júbilo do inesperado. Para além da morte está o sempre novo.

A alma é uma criação do pensamento. Para os pensadores antigos a alma era invisível e constituída por uma matéria subtil, podendo emergir ou ser destacada para a matéria viva a partir de uma determinada complexidade. A sua imortalidade seria uma participação *post mortem* na eternidade.

O produto do limitado ou é ilusão ou é inevitavelmente limitado.

O pensamento condicionado pelo espaço-tempo não pode perscrutar o infinito, o intemporal, não pode sondar o desconhecido, o impermanente.

Diz-se que a questão das questões do universo se prende com a existência de Deus.

Mas, a verdadeira e interessada questão para o homem tem que ver com a eventual existência da “vida” para além da morte, porque a primeira não responde a esta, referindo-se à possível imortalidade da alma.

Da alma do ser humano, já que somos demasiado egoístas para nos preocuparmos com os animais e com as suas também hipotéticas almas.

Suicídio é o acto voluntário pelo qual o ser humano põe termo à sua vida. A apreciação moral e ética deste, varia em função do tempo e espaço.

Existem e existiram ordenamentos jurídicos em que a tentativa de suicídio é e era punida pelo direito criminal.

Este é um problema que respeita à liberdade individual. Se um ser humano considera intolerável o sofrimento físico ou psicológico a que está sujeito, não tendo quaisquer esperanças de alterar o rumo dos acontecimentos, e decide abandonar esta vida, não há juízo de valor que legitimamente possa censurar aquela liberdade.

Repugna-me matar um animal. Repugna-me matar um ser humano, bem como a pena de morte. Fazer sofrer qualquer ser.

Por isso também me repugna deixar sofrer horrivelmente qualquer entidade viva, o próprio homem, em estado terminal, sem esperança de cura ou alívio.

Não se trata de um crime, antes dum dever, de um verdadeiro acto de amor, de pura não-violência.

A criação só existe na liberdade integral, quando se está livre de tudo, até da própria busca dessa liberdade.

Quando não criamos, nem queremos criar, desponta a criação com toda a sua força e exuberância.

Para que haja criação, tem de haver liberdade de tudo o que nos condiciona, de tudo o que nos prende a concepções, dogmas, teorias, ambições e competição.

A criação no verdadeiro sentido da palavra tem a sua origem no novo. Não define a personalidade e carácter do criador, a sua “escola” ou grupo a que pertence ou qualquer motivação lucrativa.

A criação do novo pressupõe a inexistência de condicionamentos e de motivações externas ao acto de criar.

Pintar um quadro, compor uma peça musical ou executar uma escultura, nesta perspectiva, não é exprimir o conteúdo da nossa personalidade, nem actividade psicológica compensatória de qualquer complexo de inferioridade, necessidade de agradar, busca da sobrevivência ou enriquecimento. É explosão de liberdade, é inocência.

Cada um de nós pensa em deus, segundo o seu grau de “maturidade espiritual”.

É sinónimo de princípio único: da existência, da causalidade e de qualquer finalidade.

O pensamento criou as religiões, as práticas religiosas, os livros sagrados e deus. Aquelas não são caminhos para este. São muros que têm de ser derrubados até que não fique pedra sobre pedra, nenhum resquício de construção mental, e a planície surja num amplo espaço de liberdade sem reservas, erigida em amor universal.

Deus é o desconhecido e o incognoscível.

Tudo o que se diga para além disto, não passará de fantasia, de distorção da realidade.

No entanto, continuamos sempre a falar dele porque é inevitável que o façamos.

E se o identificamos em todas as coisas que estão nele, mesmo assim não o revelamos, mas as coisas para além das quais se encontra.

A Verdade é inexprimível. Quem a encontra não a consegue descrever.

Aquele que é, percebe-se como tal. Isso é existência pura.

O “ser” e o “não ser” – *o nada* –, aproximam-se. Quando o pensamento silencia, os extremos tocam-se.

Para atingir o desconhecido não podemos partir do conhecido. Temos de esvaziar a mente do seu conteúdo histórico.

A eternidade concretiza-se no silêncio que não é procurado.

Se o buscares não o encontrarás, se implorares não o acharás. Ele é liberdade absoluta que se manifesta no não condicionamento, na ampla abertura de espírito daquele que apenas é e nada procura ou quer vir a ser. Jorra gratuita, espontânea e esporadicamente nos pobres em espírito e não nas mentes torturadas dos filósofos, dos intelectuais e dos que por métodos mais ou menos expeditos se esforçam por o encontrar.

Não está em particular na igreja, na montanha, nos livros sagrados. Está onde nós não estamos, existe quando não existimos, não tem continuidade, não pertence ao espaço ou ao tempo, é existência pura, incomensurável e intemporal.

Absoluto é o que está para além de todos os limites. O Absoluto prescinde do limitado e só o atingiremos quando nos libertarmos das teias do espaço-tempo, o que apenas se torna possível com a cessação do pensamento e consequente aniquilação do “eu”.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG